

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ARTES

FOLHEAR MEMÓRIAS

Das imagens literárias às imagens cinematográficas

CÉLIA HARUMI SEKI

Tese apresentada como exigência parcial para a obtenção do Título de Doutor em Multimeios ao Programa de Pós-Graduação em Multimeios, Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Fernando da Conceição Passos.

CAMPINAS 2007

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ARTES DA UNICAMP**

Se47f Seki, Célia Harumi.
Folhear Memórias: das imagens literárias às imagens
cinematográficas / Célia Harumi Seki. – Campinas, SP: [s.n.],
2007.

Orientador: Fernando Passos.
Tese(doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Artes.

1. Comunicação 2. Cinema 3. Literatura 4. Criação artística
5. Roteiros cinematograficos 6. Cinema-Produção e direção. 6.
Video-arte. I. Passos, Fernando. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Artes. III. Título.

(em/ia)

Título em ingles: “Leaf Through Memories: from literary images to cinematographic images”

Palavras-chave em inglês (Keywords): Communication, Cinema, Literature, Artistic creation, Cinematographic script. Moving-pictures Production and direction. Video art.

Titulação: Doutora em Multimeios

Banca examinadora:

Prof. Dr. Fernando Passos

Prof. Dr. Prof. Dr. Nuno César Abreu

Prof. Dr. Milton José de Almeida

Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus

Profa. Dra. Elizabeth Bauch Zimmermann

Profa. Dra. Cristina Bruzzo

Prof. Dr. Roberto Berton de Ângelo

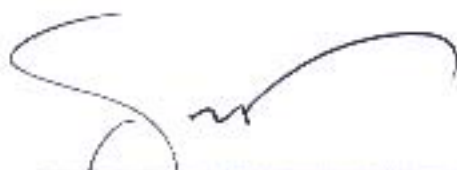
Data da Defesa: 23-08-2007

Programa de Pós-Graduação: Multimeios

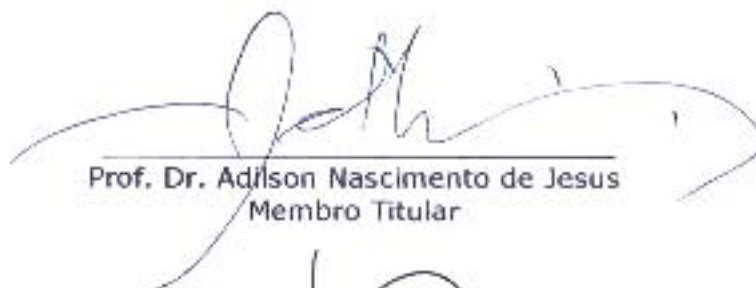
Instituto de Artes

Comissão de Pós-Graduação

**Defesa de Tese de Doutorado em Multimeios, apresentada pela
Doutoranda Célia Harumi Seki - RA 941715 como parte dos
requisitos para a obtenção do título de Doutor, perante a Banca
Examinadora:**



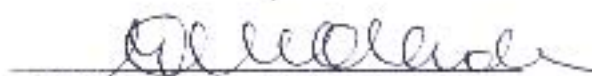
Prof. Dr. Antonio Fernando da Conceição Passos
Presidente/Orientador



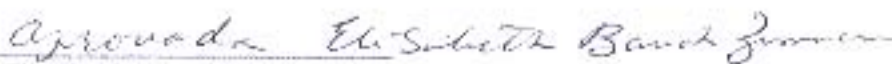
Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus
Membro Titular



Prof. Dr. Nuno Cesar Pereira de Abreu
Membro Titular



Prof. Dr. Milton José de Almeida
Membro Titular



Profa. Dra. Elisabeth Bauch Zimmermann
Membro Titular

Ao meu pai

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família: minha mãe Lucy Seki, meu irmão Augusto Hiroyuki Seki e Marcelo Beso, que cuidam de um grande continente de meus afetos. Alessandra Brum e Sérgio Puccini, amigos primeiro e companheiros de trabalho, sempre ao meu lado para o que for preciso.

Ao Fernando Passos, que é muito, muito mais que o orientador.

Agradeço à toda equipe que participou da produção do curta-metragem Histórias de Concreto, que confiou no nosso projeto e fez de tudo para que ele tomasse vida, em especial ao Milton Jesus e Fabiano Bibi, que foram meus olhos, Alessandro Poeta e Diego Riquelme, que foram meus ouvidos, à querida Luciana Barone, amiga e conselheira, sempre me lembrando dos objetivos de forma certa, à Monique, entendedora de sonhos, e à Eduardo Chagas, Simone Evaristo, Larissa Turtelli, Clara Passos Maeda, Tâmara Harumi Yamagute, Everaldo Cândido, que incorporaram meus personagens.

Agradeço também aos professores e funcionários do Instituto de Artes, especialmente do Departamento de Multimeios. À CAPES por financiar parte de meu período de pesquisa.

Por fim, agradeço aos meus amigos, sempre ao meu lado (física, mental ou espiritualmente), não se importando com o tempo ou as tormentas da vida: Luciano, Angélica, Armando, Dani, Milton, Lolô, Aléxis, Pedro, Biff, Tati, Rodrigo, Pedrão, Roberto, Gui Galembeck, as eternas libélulas, Cris e Érica, aos recém chegados cineclubeiros Carla e Paulo Poft, e a tantos outros que me acompanham.

Ura no mise
omote wo misete
chiru momiji

Mostrando a frente,
mostrando o verso,
as folhas de bordo caem

Ryokan

Esta pesquisa apresenta como tema principal o processo de criações artísticas audiovisuais inspiradas em textos literários. Da leitura dos textos poéticos decorrem imagens e sensações de caráter singular, que são transpostas para obras audiovisuais. A pesquisa realizada na área de Cinema e Literatura, dentro da linha de pesquisa “CINEMA FICCIONAL: HISTÓRIA E PROCESSOS CRIATIVOS”, tem como objetivo expor o desenvolvimento do fazer criativo da autora, através de sua história pessoal, memórias, sentimentos, sensações estéticas concretizadas nas realizações de filmes e vídeos sob o tema geral do *Exílio*.

Palavras Chaves: Comunicação, Cinema, Literatura, Criação artística, Roteiros cinematográficos, Cinema-Produção e direção, vídeo-arte

This research has in its main subject the process of audiovisual artistic creations inspired in literary texts. From the lecture of poetic texts results images and sensations of a singular nature, that are transported to audiovisual works. The research has been realized in “Movies and Literature” area, and focused in the research line “FICTIONAL MOVIES: HISTORY AND CREATIVE PROCESSES”, with the purpose to expose the author’s creative work development through her personal history, memories, feelings, aesthetics sensations realized in the creations of films and videos in the light of Exile general subject.

Keywords: Communication, Cinema, Literature, Artistic creation, Cinematographic script. Moving-pictures Production and direction. Video art.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<i>Memória.....</i>	<i>21</i>
<i>Bosque</i>	<i>34</i>
<i>Quarto.....</i>	<i>71</i>
<i>Escada.....</i>	<i>76</i>
<i>Sonho.....</i>	<i>82</i>
<i>Paisagem.....</i>	<i>85</i>
<i>Avô.....</i>	<i>108</i>
<i>Avó.....</i>	<i>110</i>
<i>Raíz.....</i>	<i>121</i>
<i>Família SEKI.....</i>	<i>138</i>
<i>Byakkotai.....</i>	<i>145</i>
<i>Bilhete.....</i>	<i>157</i>
<i>A coruja.....</i>	<i>177</i>
<i>As Mulheres.....</i>	<i>182</i>
<i>O Grito.....</i>	<i>182</i>
<i>A Ponte.....</i>	<i>194</i>
<i>A viagem.....</i>	<i>195</i>
<i>O quadro.....</i>	<i>195</i>
<i>Making of.....</i>	<i>201</i>

SUMÁRIO

☞ 1. Vozes	23
<i>Passagem</i>	73
☞ 2. Exílio	79
<i>Passagem</i>	113
☞ 3. Raízes	123
<i>Passagem</i>	153
☞ 4. Os brotos	159
<i>Passagem</i>	173
☞ 5. Roteiros.....	177
☞ 6. Textos.....	203
☞ 7. Filmografia.....	211
☞ 8. Bibliografia.....	217



VOZES

Silêncio... é assim que este escrito começa.
Com silêncio interno, como um deserto vasto,
como uma folha em branco, como uma terra por arar.
Calmaria do mar antes da tempestade.

E então, o inverno acaba e como em tudo o
que é vivo, fluxos se desprendem - transformações - nada
consegue mais silenciar.

*

(Essa pesquisa tem como tema principal a questão da busca eterna de querer pertencer. De forma pretensiosa é uma pesquisa que fala sobre mim, sobre você, e sobre ela mesma, na medida em que sua natureza é também de “busca”. De forma simples, aqui desenvolvo minha condição criativa, e a maior parte desse texto é um registro sobre o processo de criação, de (re)criação artística de textos poéticos em imagem e som, em imagem em movimento. Aqui exponho, desnudo meu espírito, tentando compartilhar todo este longo processo criativo que trilhei nestes quatro anos de pesquisa.)

*

É de repente que se sente. Mas a sensação já vinha de antes, como a água do mar vai invadindo a areia, onda após onda, e depois de uma seqüência de ondas parecidas uma vaga te pega desprevenido deitado na beira da praia, onde durante muito tempo estive seco, seguro.

Essa idéia de absurdo, de insatisfação... acordei uma manhã sentindo - enquanto dava as primeiras piscadelas no silêncio da casa vazia, ouvia o barulho dos cílios no travesseiro dobrado e meu corpo pensava se queria continuar ali e tentar dormir mais um pouco - esse vazio todo, que, naquela hora, era decorrente dessa inquietação, preocupação com esse texto que escrevo, escrevo e não me satisfaz. Vários ímpetos de jogar tudo fora, deletar, e desistir? Não... de começar de novo.

Mas o tempo passa, independente, e sempre se esgota. Outro tempo? Esse que não é o meu, tempo imposto, e que, mesmo assim, tenho que respeitar... E ainda, toda a insegurança que carrego comigo, e essa outra que surge a partir dos outros, dos seus olhares, das suas palavras impensadas, das suas regras e teorias.

(Tudo isso aqui. Tudo isso contido e aparentemente organizado em tamanhos iguais e retangulares, encadernados e leves. Esse turbilhão tsunâmico causado por um terremoto interno, essas águas todas em forma de páginas, esses destroços em forma de palavras-imagens, e diferentes corpos espalhados, as vozes.)

Desejo de fazer algo belo, de fazer algo novo. Vaidade? Desejo sendo sentido, mesmo sabendo que não se encontra o novo quando se quer, mas quando se faz algo pessoalmente verdadeiro sem pretensões, quando se presta muita atenção e é possível enxergar todos os detalhes por excesso de conhecimento daquilo que se está fazendo, quando se faz algo grandioso, e tudo isso com o auxílio ainda da *intuição*, porque sem ela, sem aquele súbito clarear que ela proporciona, aquele *click*, as idéias poderiam passar despercebidas, desaproveitadas. E, mesmo sabendo disso,

tendo racionalizado, pensado a respeito inúmeras vezes, a persistência desse desejo que me põe a acreditar nesse ato como se fosse o último. Essa vontade de semente que me faz querer que, quando finalizado, o texto venha ser a coisa mais bonita que eu já escrevi, mais profunda, mais forte.

Já nesse instante seguinte, os mesmos escritos parecem tão efêmeros, e a toda hora insuficientes, acordando essa vontade recorrente de reescrever, escrever diferente. Existe uma voz principal, mas percebo o tempo todo em mim outros ecos, outras facetas, e corro até o espelho para saber se é possível ver, não é... só existe um reflexo ali, dessa que suponho ser eu.

(Como é possível escrever um trabalho conciso, sólido, único se, nessas horas de tensão, vozes despertam e começam a me impulsionar para outras frentes? Essa não é, portanto, a minha intenção. Seria uma grande invenção de uma das minhas faces de Jano.)

Esse conflito entre as vozes não me parece ser algo só meu, percebo-o por aí espalhado pelo mundo. Muitas vozes se calam para que seja possível conseguir o que se dispõe como uma necessidade social de relação com o outro, de conformismo com o mundo, persona - muitas vezes fala mais alto. Está presente esse conflito quando leio um texto composto por pensamentos compilados de terceiros, seguindo à risca o manual e ouço a voz sufocada do autor, baixinha, pedindo socorro. Quando percebo escolhas superficiais, mais fáceis e vindas de fórmulas aplicáveis para que não se perca tempo, para que seja certo, no sentido

de certo, porque é mais fácil de fazer e também de apreender e as pessoas não economizam somente na hora de produzir, mas na hora de consumir - mercadoria - o que foi produzido. Enquanto isso, as idéias originais e verdadeiras são deixadas de lado, esquecidas em gavetas, em depósitos da alma e a vida passa em branco, gastando o tempo, tomando cafezinhos, jogando paciência.

(E o mesmo conflito de vozes está aqui nesse texto todo, e agora, “agora-já”, aqui nessa frase, enquanto ouço essas vozes falando formas diferentes de escrevê-la.)

Escrever algo belo, mas esse belo deve agradar a quem? Se deve agradar somente a mim mesma, então não seria necessário mostrar esses escritos a ninguém, bastaria que eu me satisfizesse com eles, aliás, pensando radicalmente, eu nem precisaria escrevê-los! Bastaria

senti-los e pensá-los, como já fiz inúmeras vezes, de forma tão perfeita no determinado instante, tão maravilhosa, criativa e irrefutável, preenchendo muito mais páginas que essa tese poderia produzir e criando muito mais imagens que essas que eu pude apresentar.

Voz me fala:

Gostaria de escrever mil palavras, que ao serem ouvidas causassem danos, ou mesmo uma única palavra, simples, solitária, que dissesse tudo que tento dizer. Somente através da linguagem posso saciar essa necessidade, que, se friamente analisada, pode ser considerada inútil ao comunicar esse turbilhão de sensações, de sentimentos. Necessidade minha, só. No fundo uma pequena pretensão de que essas coisas que sinto importantes

sejam relevantes para outras pessoas, que as toquem, as alcancem.

Mas no mesmo instante, elas perdem toda importância, não têm mais sentido algum.

Por serem passado?

Por serem somente palavras?

Porque tudo muda?

Por terem sido expostas?

Por não serem mais elas mesmas - as palavras - porque antes delas (no instante em que foram lançadas) eu mesma já mudei. As minhas palavras já são outras.

Esse texto não é somente para mim, o desejo não é que me agrade unicamente. Não é apenas expressão, também deseja comunicar. Apesar de ser um registro da criação, sempre tão pessoal, tão íntimo, ele gera, acredito, um conhecimento, porque as coisas que li, as experiências pelas quais passei estão aqui registradas e podem sensibilizar outros. Uma simples brisinha que talvez, algum dia, vante mais forte. Quem sabe ele encontre ressonância e deixe de ser um escrito pessoal, ultrapassando minhas fronteiras. Talvez alguém se interesse. Esse não é afinal o intuito subterrâneo que carrega a obra escrita, bem como a obra de arte?

Essa outra voz, vou chamá-la de Alice - eu -anagrama- olhando o espelho, o quarto atrás de mim, e a graça de chegar pertinho, aproximar o rosto daquele vidro, encostá-lo meio de lado, olho com reflexo de olho, bochecha com bochecha. E pensando em Lewis Carroll,

passo os olhos pelas extremidades do espelho, pra cima, para baixo e para os lados, vou vasculhando aqueles cantos que aparentemente o espelho não pode refletir, e tudo está ali perfeito, exatamente igual, mas ao contrário. Começo a sentir dúvidas sobre o que é figura e o que é reflexo, e até creio na existência desse lugar onde tudo se dispõe da mesma forma, onde eu é que sou o contrário da Alice, meu braço direito é o esquerdo. Ela disse algo que reconheço. Essa vontade humana de ser sempre melhor, de alcançar algo mais. Essa “coisa”, que uma vez alcançada, deixa de ser o objeto do desejo porque já conquistada, torna-se passado. E imediatamente uma outra coisa já está ocupando o lugar do desejado, num ímpeto que nunca cessa, a busca, esse buscar infinitamente - também tema dessa tese.

Como explicar por onde se inicia este processo de (re)criação? Como explicar uma experiência que acontece internamente e que é tão difícil rastrear, perseguir?

Começo assim como este texto, silêncio...



Bosque. Fotografia Joana Cunha

Então, devagar surge o barulho das folhas ao vento, muitas árvores - um bosque - e ouço passos nas folhas secas, alguém caminha por ele - sou eu.

Eu desejava perseguir um tema que julgava estar na palavra *exílio*. Por quê? Uma necessidade, uma urgência minha. Um poço que tento encher, um bosque de eucaliptos derrubado, mas ainda com tanto perfume, com tanto sentimento que eu não consigo me afastar, de onde não consigo me distanciar, porque olho e ainda o vejo vivo, ainda enxergo as folhas balançando ao alto, o barulho todo, sussurros, a melancolia de bosque. Vejo a figura do pai ali, andando por esse grande terreno, demarcando seu espaço ao enterrar grandes mourões de pedra nos vértices. Indo com a família nos fins de semana para olhar esse lugar, a mãe feliz, cheia de planos, a avó materna junto, entendedora de plantas. O carro cheio de

mudas de árvores que eles querem plantar e ver crescer. E me vejo: a figura da filha, já crescida, com a função de cuidar desse terreno herdado e descobrindo que as mudas não vingaram, os eucaliptos são fortes demais e sugaram a terra durante o tempo em que esse lugar foi esquecido por todos, cresceram, dominaram o terreno. Os mourões de pedra desaparecidos, e a hesitação de mandar cortar os eucaliptos - tão odiados em princípio por terem sugado a forças das outras árvores - e com as lascas deles mesmos mandar cercar esse lugar para guardá-lo.

Necessidade de perseguir essa sensação - que tento identificar e parece ter tantos nomes - causada pelo fato de não haver mais nada ali, onde havia uma pessoa importante, um país inteiro, seus costumes. Essa suspeita de que eu me conheceria mais e melhor ao me embrenhar por essa sensação. Então escolhi e mergulhei nisso, o quanto me foi possível mergulhar.

No princípio fiquei lendo, lendo e procurando aquela fagulha que faz o fogo enlouquecer. Procurando aquele furinho pequeno que eu cutuquei até virar rachadura que se foi alongando, craqueando a barreira toda que continha a represa. Então esperei cavalos puxando meus braços e pernas para lados opostos, o mar em ressaca, e eu não conseguindo mais me aquietar, começando a imaginar, ouvir e então escrever e reescrever.

Depois, tudo ficou mais calmo, ainda que caótico, e ao colocar as coisas em um novo lugar, percebi, visualizei, aprendi.

A seqüência dos acontecimentos não é assim organizada, nem linear. Algumas imagens e sensações surgem no ato da leitura e persistem, muitas emergem e segundos depois já mergulharam de volta, deixando apenas os vestígios do mergulho. Outras vão aparecendo

depois, dias, semanas, anos seguintes, acionadas por ações, falas, cheiros e outras imagens. Elas estão na memória, essa que é minha, mas cujo acesso não é livre. A maior dificuldade que tenho é tentar colocar isso aqui, como se fosse algo contínuo. Muito do que escrevi e desenhei se repete, e está nesse quarto em que me encontro: papéis soltos, jogados por todos os lados, desenhos, frases, quadros.

*

(Encontro-me aqui no ato de escrever e lembro-me do mundo em que estou, onde a maior parte das pessoas acredita que um texto de tese deve ter certos padrões, sendo necessário seguir regras para a normalização do trabalho acadêmico. A tese deve ser elaborada em linguagem científica, seguindo uma estrutura padrão, uma uniformidade. É necessário expor de forma conceitual o que é este processo. É importante deixar claro que se trata de (re)criação, de como é produzido e entendido o texto poético.

Porém, de algum jeito, tento estar cada vez mais distante daquilo que se aplica como uma forma, um molde e, nessa pesquisa, a resposta singular é mais genuína, dota cada palavra da leitura com o que é humano, o vital e seus desajustes, seus desníveis e segredos. E a consequência é que muitos dirão que estes escritos não podem ser considerados uma tese, algo a ser aceito ou refutado, algo formulado e apresentado de acordo com regras e moldes acadêmicos. Mas, sendo objetivo dessa pesquisa a criação em direção a um objeto estético, um produto audiovisual, o que estou fazendo aqui é vivenciar e refletir sobre o fazer artístico ao escrever o registro desse processo, suas questões, seus obstáculos, suas invenções e descobertas. E através do fazer artístico, é possível, a partir de minha singularidade, atingir o universal, mobilizar o afeto de um outro. Se esta repercussão ocorrer, se minha

obra *tocar* seus espectadores, posso dizer que ela atingiu o universal. Este universal de que falo aqui é totalmente diverso do universal científico, pois na ciência, não é o singular que se destaca, mas o particular, que através da corroboração da comunidade científica se torna universal. Todas as proposições científicas são refutáveis, através da verificação de sua correspondência ao real, diferentemente do fazer artístico que nunca pode ser refutado, pois está no domínio singular, subjetivo.)

*

*A intuição do artista produz
imagens, que estão aquém do
julgamento de realidade(...).¹*

1. BOSI, Alfredo. A Estética de Benedetto Croce: um pensamento de distinções e mediações. IN: CROCCE, Benedetto. O Breviário da Estática. São Paulo: Ática, 1997.

Percebo que as coisas não são separadas,
cada uma no seu lugar, cada sentimento no seu cubículo.
Tudo é fluido, misturado, e como eu, este texto também

o é. As coisas de dentro entre si, as coisas de fora entre si, e as de dentro com as de fora. Eu composta de tanto: heranças, os modos da família, pai e mãe que vêm de opostos tão diferentes que não conseguem se comunicar, relações tão marcadas - o oriente e o ocidente, enquanto um dorme o outro acorda, enquanto um fala o outro cala. Ao mesmo tempo, tudo tão complexo e multifacetado, heranças também, mas que vêm do mundo, de muito, muito antes.

*Não sou uma japonesa que veio para o Brasil,
tampouco sou uma brasileira que foi para o Japão.
Sou o meio termo, o meio do caminho, o encontro
de águas, do rio com o rio... não... do rio com o
mar.*

Magma subterrâneo do mundo, sempre movimentando - lento contorcer - remexendo e se fundindo aos metais, à terra, aos ossos. E, num movimento que não deixa espaço para rejeições, (acontecendo simplesmente) a qualquer hora não cabe mais onde estava - empurra até que encontra uma saída, apertada, quase inexistente, tornando a ascensão bruta, rude, explosiva. Aquela massa quente começa então a escorrer para outros lugares, derretendo o que encontra, até que chega ao mar, à água, e a pressão acaba, tudo esfria, e se funde à nova paisagem, um terceiro lugar.

(Esta é a mistura resultante do processo de (re)criação de textos literários para o audiovisual. São as sensações que, acionadas durante a leitura, despertaram sentimentos, memórias, histórias pessoais e o que penso sobre as coisas em que acredito, que absorvi de alguma forma

como verdade pessoal a partir de textos que li durante essa etapa e também muito antes, sobre o que vivi, o que penso de mim, o futuro, os outros, o mundo em si, a vida, o amor e a morte.)

O processo de (re)criação de um texto poético para o audiovisual tem ficado cada vez mais claro e posso dizer muitas coisas sobre ele. Posso delimitá-lo de alguma forma, mesmo sabendo e querendo deixar claro que as coisas não podem ser assim descritas de maneira a criar um método de como fazer, descrevendo qual a maneira de reproduzir esse processo, como seria possível se estivesse reproduzindo o ferver da água, por exemplo. Não é possível repeti-lo da mesma maneira, a não ser na memória, é preciso vivenciá-lo, experimentá-lo. Com muito cuidado tento demarcar esse processo, pois posso acabar racionalizando sobre o que deveria permanecer

sem explicações conscientes, exteriorizando ao analisar imagens ou sentimentos que, dessa forma, vão deixando de ser íntimos, meus.

As análises e reflexões que me permiti desenvolver sobre o fazer artístico são relacionadas ao seu entorno, os termos utilizados, não sobre o processo em si. Acerca dessa experiência, apenas registro o que foi surgindo em mim livremente.

A única coisa que é de alguma maneira fixa nesse processo, é o fato de que em todas as (re)criações existe um texto poético que está essencialmente ligado ao trabalho desenvolvido. Os textos funcionam com suas portas abertas, e são estes espaços que preencho para desenvolver minha condição criativa com a minha bagagem e necessidades de expressão. A (re)criação tem como principal objetivo, através de uma postura livre diante da linguagem audiovisual, atingir a essência, aquilo que

me é fundamental na obra poética para que chegue ao audiovisual.

O autor da (re)criação age como uma espécie de filtro através do qual a obra poética é (re)criada.

O texto poético é um conjunto de possibilidades repleto de espaços vazios - potencialidades em latência, que são acionados no processo de leitura, preenchidos por quem lê com suas próprias referências. Os sentidos surgidos na leitura têm o caráter de imagem, algo incompleto, uma imagem que não representa uma forma acabada, uma imagem dissonante². Os textos literários têm um sentido que ultrapassa seu suposto significado e se torna parte de um processo de interação entre o leitor e a obra, que se completa no ato individual da leitura através da convergência do poético com o subtexto do leitor, sua singularidade.

2. O termo dissonância é utilizado aqui com um sentido metafórico, a idéia que gostaria de passar é algo como um feixe de imagens semelhantes, mas não iguais, que partiram do texto literário e estão sendo alteradas, multiplicadas, transformadas ou simplificadas no decorrer do ato de leitura. Esse termo tem origem na área da Música, é utilizado em oposição ao termo consonância (do latim consonare, significando soar junto) que se refere a uma harmonia, um acorde ou um intervalo considerado estável, ao contrário da dissonância, que é considerada instável.

As imagens formadas através da leitura são dissonantes, já que não são fixadas através da visão de um único objeto ou pessoa, mas mutáveis a cada palavra que se lê, a cada descrição ou ação.

É a partir dessa estética da recepção³ que, pouco a pouco foi tomando forma a minha abordagem do processo de (re)criação. Nesse sentido, pretendo marcar uma diferença em relação à *adaptação* de textos literários para o audiovisual.

Aqui, vem à tona toda a discussão acerca deste tema, da diferença e semelhança entre suas linguagens, todas as relações existentes entre ambas as artes. Quando se fala em *adaptação*, normalmente tem-se a idéia de “fidelidade” em relação ao anedótico que enreda o texto poético. Na busca de uma correta interpretação, no sentido de tentar reproduzir fielmente as imagens descritas se acaba deixando de lado qualquer outra alusão ou sensação

3. alguns autores que tratam sobre esse tema: Umberto Eco, Wolfgang Iser, Roland Barthes.

que apareça, que brote livremente no processo de leitura. Na migração de suportes do texto ao filme, a “fórmula” não deve ser aplicada da mesma maneira, e o resultado é, normalmente, algo empobrecedor do imaginário gerado na leitura. Mais que isso, não tem pertencimento, pois não se trata nem da criação do autor da obra poética, nem do diretor que a adaptou. Esvazia-se quando a visão estética, sempre singular, não encontra sua voz.

Em muitos casos, os textos literários são apontados como melhores do que a obra cinematográfica. Eu não acredito que um seja melhor que outro, como muitos costumam discutir. São linguagens diferentes e o que encontra repercussão em uma, não necessariamente irá gerar efeitos em outra, e, salvo em alguns casos onde a própria obra literária cria imagens e situações propícias à linguagem audiovisual, é praticamente impossível transpor objetivamente de um suporte ao outro. As obras

audiovisuais usam as imagens e sons, que não são conjugadas como modos e tempos verbais para dilatar no tempo e espaço a presentificação da realidade. Mesmo quando o filme não é linear, o espectador se encontra sempre no presente da ação, mesmo quando fantasioso as imagens são fixadas em objetos e atores.

O processo que desenvolvo volta-se à criação *a partir* da leitura de um texto poético. O que realmente me interessa é a sensação que o texto causa em mim e as imagens que surgem a partir dessa sensação.

(Durante o início da pesquisa que desenvolvi no mestrado, chamei de *transcrição*⁴ esse processo que vai da leitura do texto poético, passando pela roteirização e terminando em um produto audiovisual. Este termo, já utilizado pelos pesquisadores da linha de pesquisa Literatura e Audiovisual, pareceu-me fantástico, e relacionei-o com

4. Termo originalmente empregado por Haroldo de Campos na área de tradução de textos literários para designar um modo de tradução que não tem o simples objetivo didático de auxiliar a leitura do original, mas que tem como maior preocupação a reconstituição da informação estética do original em um texto que por si mesmo pretende afirmar-se enquanto uma obra autônoma.

uma prática que ultrapassava as fronteiras entre a obra escrita e a obra audiovisual. Somente depois de algum tempo de pesquisa, deparei-me com a origem deste termo, cuja utilização inicial se deu na área da tradução. Tendo surgido no interior de um movimento, de uma linha de pensamento, percebi que o uso dessa palavra implicaria uma bagagem - uma palavra portadora de uma carga⁵ .

Apesar de ser uma palavra boa, sonora, percebi que a estava utilizando sem saber ao certo sua extensão, seu domínio, e decidi que o melhor era encontrar um novo termo. Desde então, tenho utilizado o termo *(re)criação*⁶. Sempre aberta a outras possibilidades e descobertas, julguei que no decorrer do processo eu encontraria algum termo mais propício, ou até inventaria algum, mas nada me pareceu mais adequado do que esse que tenho utilizado. Esse é o termo que utilizo mais livremente, não me sentindo, ao utilizá-lo, participante de uma escola, ou uma linha de

5. Uma forte ligação que, por si só já influencia todo o uso que se possa fazer dessa palavra, aparece na figura dos irmãos Campos e Décio Pignatari, precursores na utilização desse termo na área de tradução, críticos literários, pesquisadores na área da semiótica.

6. estou aqui utilizando a idéia do “(re)” emprestada da autora Bela Feldman-Bianco. VER: “(Re)construindo a Saudade portuguesa em vídeo: Histórias orais, artefactos visuais e a tradução de códigos culturais na pesquisa etnográfica” in Revista Crítica de Ciências Sociais, n 45, 1996. Os parênteses no prefixo “re” dão uma idéia um pouco diferente do que seria escrever esta palavra sem nenhum tipo de sinalização. Criar de novo trata-se também de simplesmente criar.

pensamento. Assim, quando o uso aqui, ele simplesmente se refere a esse processo de que estou falando agora, e não traz consigo outras inferências⁷.)

7. É um caminho perigoso, exaustivo e que requer uma grande disciplina, esse o de pensar em todas as palavras que se usa. Eu não tenho essa curiosidade nem disciplina. Apesar disso, sinto-me um pouco traumatizada com esses rastros que carregamos sem saber bem de onde vêm. Não só em relação às palavras e termos, mas também aos modelos de pensamento, às crenças que simplesmente os aceitamos ou, em muitos casos, nem percebemos a incorporação, o que é pior. Muitas vezes tenho sido uma grande candidata a ambos os casos, mesmo que atenta e preocupada em relação a essa herança transmitida. Isso me faz lembrar uma ocasião, em que perguntei a um amigo porque ele queria estudar filosofia. Ele me disse que sua vontade era de refletir e entender mais profundamente as consequências que os modelos de pensamento surgidos ao longo da história do mundo tinham em nós mesmos. Ele queria poder reconhecê-los em seus atos, questioná-los e enfrentá-los. Um ímpeto parecido reencontrei ao participar de um seminário chamado “Arte, Ciência e Tecnologia” ministrado pelo Prof. Dr. Jean-Louis Léonhardt da Universidade de Lyon. Devo a ele muitas das minhas reflexões sobre essa crise do modelo pensamento que passamos no mundo de hoje, e que pode ser percebida em tudo, inclusive nessa pesquisa.

Vivencio esse processo assim como muitas outras pessoas, mas sinto-me solitária nesse ato. A solitude traz, ao mesmo tempo, certa liberdade que me põe mais curiosa, mais à vontade ao explorar minhas ações criativas, quando me apodero dos espaços vazios do texto. A obra realizada através desse ato solitário, encontra ressonância em muitos outros autores, filósofos, artistas. Cada um a percorrer um caminho próprio, mas com direção semelhante nos sentimentos, pensamentos, expressões.

Como já disse, as imagens que surgem da leitura, são únicas, pois são minhas, são meu tesouro mais valioso. Dessas imagens caóticas que brotam com a leitura surgem

símbolos e imagens pessoais, que fogem do usual e do repetitivo. São representações profundas de sensações inconscientes, com um enorme potencial artístico, ao contrário do que acontece quando tentamos ordenar e explicar imagens e sensações que muitas vezes não entendemos bem, tanto na forma, quanto no conteúdo.

Este é um processo difícil e assustador, pois não é fácil aceitar as imagens na forma caótica em que aparecem. A nossa visão sincrética⁸, que aprendemos a inibir desde o final de nossa infância, não é fácil de ser recuperada. É uma visão não-diferenciada, cujo foco é global, não-analítico, permitindo assim, uma visão mais “livre”, com inúmeras possibilidades. Normalmente vindas de nosso inconsciente, essas imagens são geradoras de sensações e descobertas nem sempre prazerosas. Todas as perguntas ao invés de respostas levam a caminhos infinitos, definidos e indefinidos, mais condizentes com

8. EHRENZWEIG, Anton. A Ordem no Caos IN: A Ordem Oculta da Arte, Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

a verdade interior, sempre tão mutável, sempre tão fugidia em seu tempo-percurso de acesso à consciência.

(Sem todas as dúvidas, sem a coragem de atravessar esse processo tão estranho, o exterior, a consciência tão cheia de fórmulas, de frases acabadas e verdades consagradas, tenderia a uma certa ordenação, uma padronização e a uma conseqüente superficialização das imagens surgidas da leitura.)

Após este processo livre de leitura, e a anotação das imagens e sons espontâneos que surgem a partir dela, elaboro o roteiro. Sua elaboração é como uma ordenação das imagens e sons, dos sentimentos surgidos dentro da sensação estética principal. Este espaço - o roteiro - é onde uma história será contada.

É necessário frisar que a elaboração do roteiro se prende ainda às possibilidades concretas de produção e neste sentido ocorre uma “redução” do processo de criação para que haja viabilidade de sua concretização. É muito estranho dizer isso aqui, porque este texto deveria ser um espaço imune a esse tipo de materialidade, aquilo que me diminui de alguma forma quando impede realizações. Aqui nesse texto tudo é possível, mas ao mesmo tempo, como o registro que ele é, não posso deixar de dizer sobre coisas lá de fora. De alguma forma, essas barreiras que surgem são também parte do processo de criação e ousar dizer que, em certos casos apesar de parecer um contra-fluxo na energia criadora, agem beneficentemente, como se fosse a cobra que morde o próprio rabo ou um transformador modificando a potência. As dificuldades, a necessidade de organização para evitar problemas agem como vaga-lumes chamando-me a atenção, tirando-me

o olhar fixo em idéias alucinantes, obrigando-me a ser mais concisa, e, conseqüentemente, menos explicativa, fazendo com que a imagem em si ganhe força. Na exata hora em que percebo essas barreiras minha frustração é inexplicável. Um sentimento de incapacidade me invade frequentemente. Mas olhando agora, um pouco depois, percebo que nem sempre foram negativas. Essas situações obrigam-me a buscar outras alternativas, outros meios de expressão, outros recursos.

Depois de elaborado o roteiro, a pesquisa se volta mais ao caráter da produção, onde atores e cenários são pensados, procurados e escolhidos e, a partir de então, as filmagens e edição das imagens são feitas.

Aqui apresento três frutos. O primeiro *Folhas de árvore contra o céu*, um vídeo simples como um

9. RODRIGUES, Urbano
Tavares. Viamorolência:
Novelas e Contos.
Lisboa: Publicações
Europa-América, 1987.

haicai, criado a partir do conto *As Horas Magnificadas* de Urbano Tavares Rodrigues⁹, tão importante por marcar o

início desse ciclo que tem continuidade nas duas obras seguintes: *Histórias de Concreto*, uma produção para um curta-metragem 16mm, um roteiro original realizado a partir de uma poesia de minha própria autoria, cujas imagens estavam me perseguindo há muito tempo. E *liberdade*, um roteiro original criado a partir de um conto do escritor Sam Sheppard¹⁰.

Antes de continuar, acho importante dizer como minha experiência e reflexão sobre esse processo de criação levaram-me a escrever esse texto dessa maneira tão subjetiva, tão confessional.

Ao começar a trilhar este caminho na área de criação artística, eu era uma pessoa muito diferente. Meu caminho parecia ter um destino diverso deste. Essa parece ser uma coisa fácil de falar, uma coisa tola, pois sempre que eu olhasse para trás, poderia dizer: meu

10. SHEPARD, Sam. Crônicas de Motel (Motel Chronicles, 1982). Trad Bettina Becker. L&PM Editores Ltda. Porto Alegre, 1984. Conto 25/7/81, página 169.

caminho era outro... mas – reconheço nesse instante - não é somente de lamento que são construídas minhas lembranças. Por vezes é também de encontro, de entendimento.

As circunstâncias da minha vida nessa época, e também as pessoas que conheci, me fizeram acreditar o suficiente para mudar de rumo. Ali, naquele ponto, na bifurcação, escolhi uma das direções e segui em frente. Meu caminho era o artístico. E o caminho artístico, ao contrário do que se pensa, não é um caminho fácil. O mais importante de tudo, descobri também, era o meu crescimento como “indivíduo”. Inicialmente isso foi muito difícil, pois uma vez feita a escolha encontrei-me de frente a um campo enorme, sem ruas, sem direções, sem trilhas. Eu poderia me mover para qualquer lado que quisesse. E a Liberdade é algo desejado e ao mesmo tempo temido.

Alice me diz:

Estou num lugar onde nada é possível, não há espaço, ou, pelo contrário, o espaço é infinito. O tempo escorrega como a areia na ampulheta, deserto de qualquer cor e mais nada. Não existem limites e essa inexistência é, no entanto, muito pior que as paredes erguidas por todos os lados, pois qualquer que seja o lugar para onde eu me desloque nada, absolutamente nada vai mudar. Só o tempo escorregando, a luz do sol que me tira a umidade, me seca a esperança, o frio da noite de mil estrelas corta mais uma vez meu coração, e o horizonte imóvel, inalcançável.

Apesar de sempre acreditar e esperar, não consigo neste exato momento encontrar nem em mim, nem ao redor, algo que alivie e responda sem demora sobre a validade da vida, seu sentido.

Então me agarro a algum lugar mais infinito que o próprio deserto, que o espaço e o tempo e, mergulhada em miragens que misturam coisas passadas e coisas nunca vividas, vou chorando de saudades de tudo que vejo e não posso alcançar e, por motivo que vai além da minha possibilidade de entendimento, meu caminhar se torna um pouco mais forte, mais decidido, e então percebo que a única coisa realmente válida é viver cada instante da melhor forma possível, continuar caminhando rumo ao horizonte, talvez para o leste, porque é melhor assim que estar parado. E durante o caminho, apesar do calor e do frio, eu encontre, talvez, uma aranha, uma serpente, uma flor, um besouro, qualquer coisa com vida.

Descobri também nessa época, a importância de escrever um texto autoral, onde minhas idéias e sentimentos não estão disfarçados em terceiras pessoas, ou apoiados em citações de teorias, experiências e análises já desenvolvidas por outros pensadores e pesquisadores. O tratamento de tudo o que disponho aqui nesse texto de uma maneira formal através de análises e teorias descritas em uma linguagem convencional, afastaria o que me parece ser mais valioso em uma experiência desse tipo, e passaria longe desse processo de criação, seria um reflexo distante disso que estou realizando. Esse tipo de registro, texto onde me assumo como autora, onde procuro desenvolver meus pensamentos e gerar conhecimentos a partir do meu fazer artístico, procura ser uma ressonância daquilo que experimentei. Um tipo de diário, verdadeiro para mim e condizente com o processo de criação.

A insegurança é algo que caminha junto comigo. É uma característica de minha pessoa e, portanto, de minha criação, de minha escrita. Tenho sempre receio de estar sendo muito “isso” ou “aquilo”. Tenho dúvidas sobre que caminho seguir, não tenho certeza de nada. Penso em um barquinho precário em um mar zangado. Ou em destroços de um navio naufragado no mesmo mar. Me seguro aos destroços. Minhas certezas. Os pedaços de tábuas onde posso agarrar, algo sólido, flutuante em um intenso e enorme oceano de coisas vivas e mortas.

“E talvez, de outras certezas”, diz Alice, e continua...

o navio que atravessa o oceano tem infinitos segredos por todos os lados.

Toneladas de metal e madeira e vidros, e em cada um de seus pequeninos quartos, atrás de cada

*janelinha, existe essa multiplicidade incontrolável
de pessoas.*

*Os porões do navio, escuros e sombrios, mistérios
encaixotados, guardados, levados.*

*Monstro de ferro que corta a superfície da água
salgada e cruza o mundo tendo o mar como
estrada.*

*Por cima, ondas se misturam ao céu e nuvens ao
vento, sempre o vento... mas por baixo qual é o
mundo que vê o casco do navio?*

flutua sobre a imensidão profunda

e suas conchas, baleias,

tubarões, e movimentos lentos

de algas marinhas, sereias,

de coisas que foram enterradas

de coisas que se perderam

de desejos e esperanças

de sorte e desilusões

*Desliza pelo líquido que só poderia ser feito de
saudade...*

*Navega na saudade de coisas incompreensíveis
invisíveis, talvez imagináveis e como o homem
ele tenta reencontrar lugares enchendo seus porões
e seus quartos de gente e pensamentos e coisas e
segredos e mistérios que serão sua energia e força
para cumprir tão pesada tarefa*

*de atravessar uma imensidão salgada
e de proporcionar às pessoas a distância
e de sustentar no seu convés o lamento
e as lágrimas que vão com o vento
pra cair, mais um mistério, na saudade imensa
que cerca o mundo todo,
densa*

Tento escrever no ritmo das sensações sem pensar

em como poderia ter lido mais, ter ouvido mais, ter me interessado, em como meus pensamentos me levam a achar que sou fraca na pessoa que sou. E em como nessas horas, minha vontade de mim some e vou vivendo só por causa das carcaças das coisas, só pelas suas formas, todas ocas e vazias.

Não pensar... sentir, não pensar nos Outros...

As imagens que surgem das lembranças, “reproduções” de acontecimentos e percepções passadas, são para mim um tipo de força motriz que, em conjunto com o meu “agora”, coisas que sinto neste instante resultantes desta mistura, compõem o que chamo aqui de “processo de criação”. Registro os equívocos, as belas imagens, frases tolas e textos poéticos. Exponho-me, mostro-me,

procurando não olhar para os lados, para os observadores, porque tenho receio de julgamentos, quaisquer que sejam, ao expor meus olhares mais íntimos, meus defeitos e melodias. Solidão novamente: a única forma de continuar é me imaginar só, completamente só. Este não é um simples produto acadêmico, muito mais que isso, é um pedaço de mim mesma. Registro do que brota agora de dentro da minha memória, da atmosfera que rodeia com meus próprios sentimentos e imagens anteriores aos meus olhos. No papel é com as palavras que luto, são elas que me desafiam a domá-las, a moldá-las para, aos poucos, tomarem a forma que, aqui, nessa página ainda não existe, mas deverá existir até a última página deste texto. Esse registro, esse retrato de mim, nem eu, que vou escrevendo, conheço ainda.

Este desenho que vou fazendo vai, por fim, espelhar a minha pessoa e nesse espelho que agora seguro apontado para meu rosto, olho o olho do olho, do olho, do olho. E é ali, para onde olho (o próprio olho que já é outra coisa) que parecem estar as imagens, e os sentimentos que tanto procuro.

Percebo ainda, que toda vez que as palavras brigam comigo, quando elas não querem sair de trás dos meus olhos e passar de meus dedos que teclam os pequenos quadrados que as transportarão para a tela que está aqui na minha frente, percebo como é insensata essa tentativa de tentar dizer algo sobre alguém que se foi e de alguém - eu mesma - que tenta escrever sobre essa ausência e de todas as outras que a seguem ao redor, como pedras, como ossos, como conchas.

Os impulsos, quando deixados pra depois, correm o risco de perder o sentido.

Quando o coração se enche de sentimento, é como uma inundação feita pela chuva, quando um lago se enche demais transborda, e o coração transborda é pelos olhos.

Minha memória é um universo inteiro de fatos, sonhos, desejos e fé. Posso perder uma idéia e nunca mais a encontrar, sentimentos sempre em transformação. Um segundo é o suficiente para estar sozinha. Novamente procurando.

Meu espelho: corpo pequeno, até magro sem muitas diferenças. Pra além do corpo e do coração que o move, sou a alma que habita, e sou meu passado e meu futuro. O corpo se move conforme meus atos

*que já não mais cabem nele: sou pra além tudo o
que me tornou, e também, tudo o que me perdi.*

O cansaço da esperança...

O contraditório da fé não é a sua falta, é o medo.

Chorei, chorei tristezas profundas quando morreu

Diadorim

Neste cíclico começo, evoco uma palavra que persiste em meus pensamentos por estar relacionada ao tema que escolhi e, também, ao próprio ato de criar. A idéia de *entre-lugar* que está no “agora” e muito além. Sua correspondência espacial - um lugar entre-lugares não necessariamente palpável na realidade sensível, uma passagem, um intervalo; seu caráter temporal - onde o tempo é aquilo que se sente.

Aqui, nessas folhas de papel onde imprimo o que tento dizer sobre a criação através de palavras que saem da mente uma por uma, começa a assumir alguma forma o cenário que estou construindo e essa nova paisagem é edificada por essas palavras, a matéria, e pelos sentimentos, o cimento que as conecta. Estou em um *entre-lugar* - espaço abstrato da criação. Mas muitas vezes, também penso nessa palavra quando tento apontar para onde o *lugar* e o seu

oposto se interpenetram. Na confusão dos dias de hoje, tão óbvia, tão citada, essa sensação de não se saber onde está. Lugares que não mais se referem aos espaços, territórios, àquilo que é corpóreo ou material. Transmissões eletrônicas que preenchem a idéia de um território representado com imagens, como nos modelos matemáticos. Cidades construídas por pontos, efemeridades. Memórias desatadas de corpos. Afetos desenraizados. O lugar que já não é, pois os que o habitam não materializam sua idéia, não mais se relacionam com o território, com seus vizinhos, com os outros. Paisagens povoadas por invisibilidades, rapidez, olhares desviados. A percepção geral de que algo desapareceu, ruptura causada por rápidas oscilações, a memória social que vai esmaecendo no barulho urbano. Essa bipolaridade entre o que nunca é apagado e o que não se realiza totalmente, entre o que traz consigo um sentido, uma identidade, e o que não se liga a nada, pois tudo

se passa ali - velocidade. Entre os pólos está novamente essa palavra - *entre-lugar* - esse intervalo por onde vaga o exilado.

Um homem está em casa, sentado na beira da cama, olhando para o nada. Passa um tempo perturbador fazendo isso. Mais um dia...mais um.

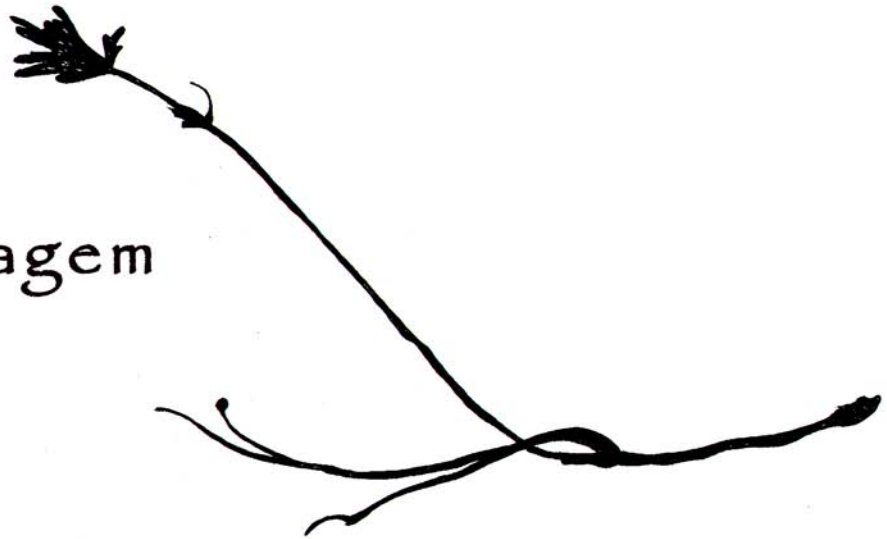
É um homem sozinho. Sua casa é seu mundo e o seu reflexo é seu amigo. Dessa forma, ele acredita, defende-se, passou a sofrer de misantropia. No seu mundo, livros espalhados, alguns discos, fitas, músicas que lhe restaram. Os objetos maiores são somente os essenciais: uma mesa, uma cadeira, uma estante, uma cama. Ele parece ter o dom do desenho, mas estranhamente, desenha sempre

a mesma cena: uma folha, caindo de uma
árvore. Esses desenhos estão espalhados por
todos os lados, repetitivos.



Fotografia Gui Galembeck

Passagem



EXÍLIO^{II}

*Eu sei onde nasci: naquela rua
de árvores mortas e de velhas casas
onde ensaiei os meus primeiros passos,
e onde as minhas pueris, tímidas asas,
se transformaram simplesmente em braços.*

*Mas que me importa? Sinto-me perdida
como alguém que em menino se perdeu
e sei que a minha vida é outra vida,
e sei que não sou eu, não sou eu!*

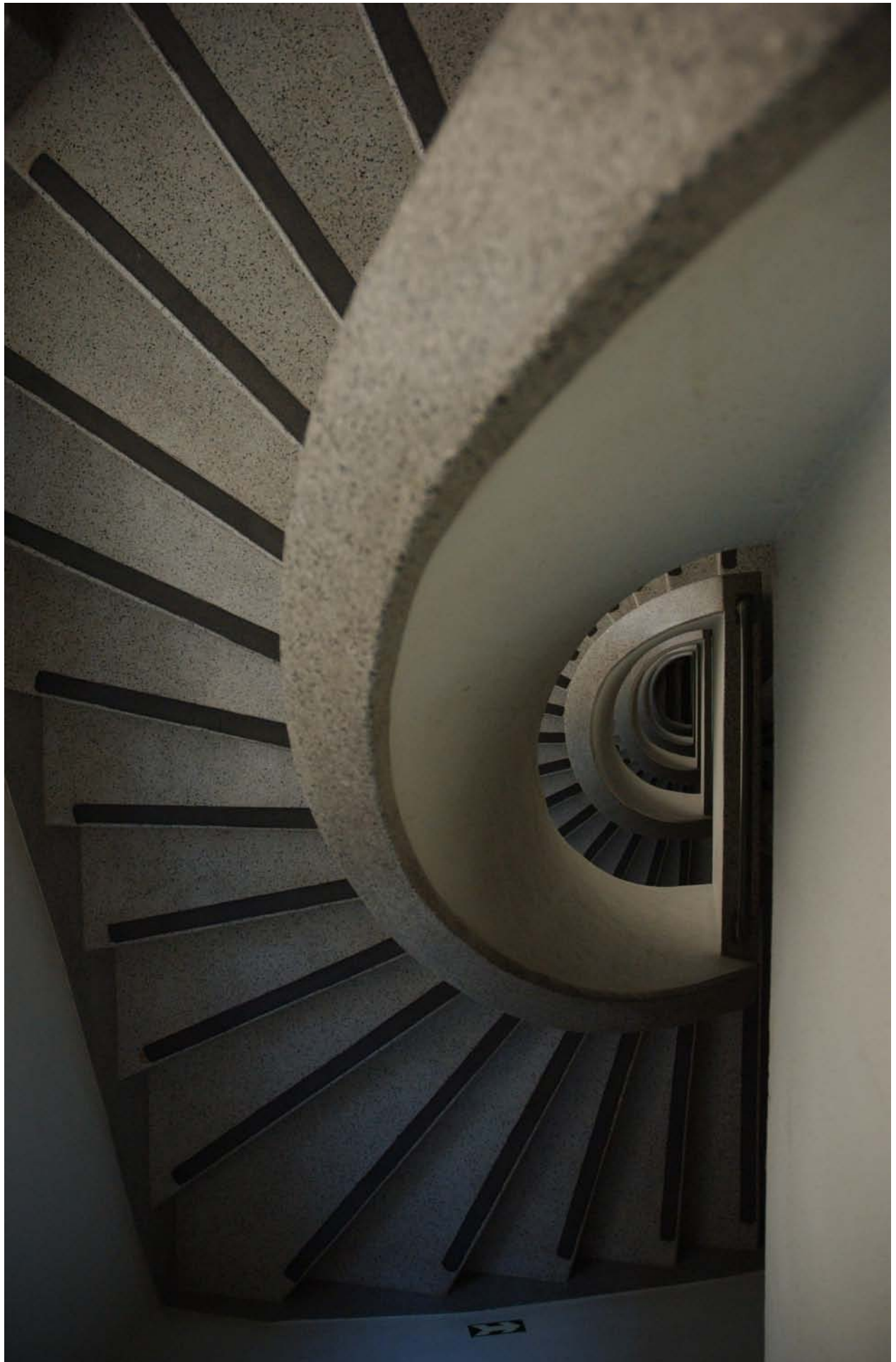
*Que venho de mais longe...da distância
que medeia entre o sonho e a realidade,
que nunca teve pátria a minha infância,
que nunca teve idade a minha idade.*

Que meu país, se existe, é como a quilha

II. In: CASTRO Fernanda
de. Exílio poemas.
Livraria Bertrand. Lisboa,
1952.

*de um barco a demandar inutilmente
uma impossível, ignorada ilha
banhada por um mar inexistente.*

*E contudo eu nasci naquela rua
de árvores mortas e de velhas casas
onde ensaiei os meus primeiros passos,
e onde as minhas pueris, tímidas asas,
se transformaram simplesmente em braços.*



Fotografia Gui Galembeck

EXÍLIO

Fingir-me de livro. Desses cheios de espaços vazios que poderão ser preenchidos pelos leitores com suas próprias subjetividades. Fingir-me de livro e lê-lo eu mesma. Ler-me. Folhear-me. Descobrir portas, essas que estão dentro. Abrir a porta de entrada, o impulso inicial, o primeiro passo, a primeira travessia de um portal dessa história. E então abrir toda a “casa”, a fim de percorrê-la, a fim de explorá-la - luz entrando pelas frestas, pelas janelas. Passeio por esse lugar, descubro seus cantos e toco nas paredes com as pontas dos dedos. Registro todo esse percurso nessa espécie de diário, aonde vou buscando escrever assim, como fui sentindo, tentando sempre não ceder aos arrependimentos que me povoam, aos lamentos e ressentimentos de tudo.

Vozes ecoam pelos corredores...

Um cemitério, o pai é enterrado. A cruz é vista
contra o céu.

Alguém fica órfão, acho que criança, não sei se
é menino ou menina.

Um barco parte da praia e vai para algum lugar
que não pode ser visto. O olhar está voltado
para praia.

O que se vê é a paisagem distanciando e a
feição do órfão sentando de costas para praia no
pequeno barco a remo. Depois de um tempo o
barco pára. As duas pessoas que estão no barco
descem. É um lugar feio com muitas rochas. É
um lugar cinza e sujo.

A pessoa que remava diz:

- “É a hora e o lugar. Aqui você fica. De agora em
diante somente você. Eu não sentiria saudades
se você não ficasse.”

Entra no barco e vai embora.

Mais tarde vejo o órfão sentado sozinho, com
o queixo no joelho.

Depois não vejo mais nada¹²

Essa é uma história que começa com a morte.
É a partir dela que tudo o que está disposto aqui ganha
sentimento e sentido. Sem ela, todo esse universo estaria
em algum lugar interno, inexplorado, não teria emergido,
não haveria nenhuma dessas imagens.

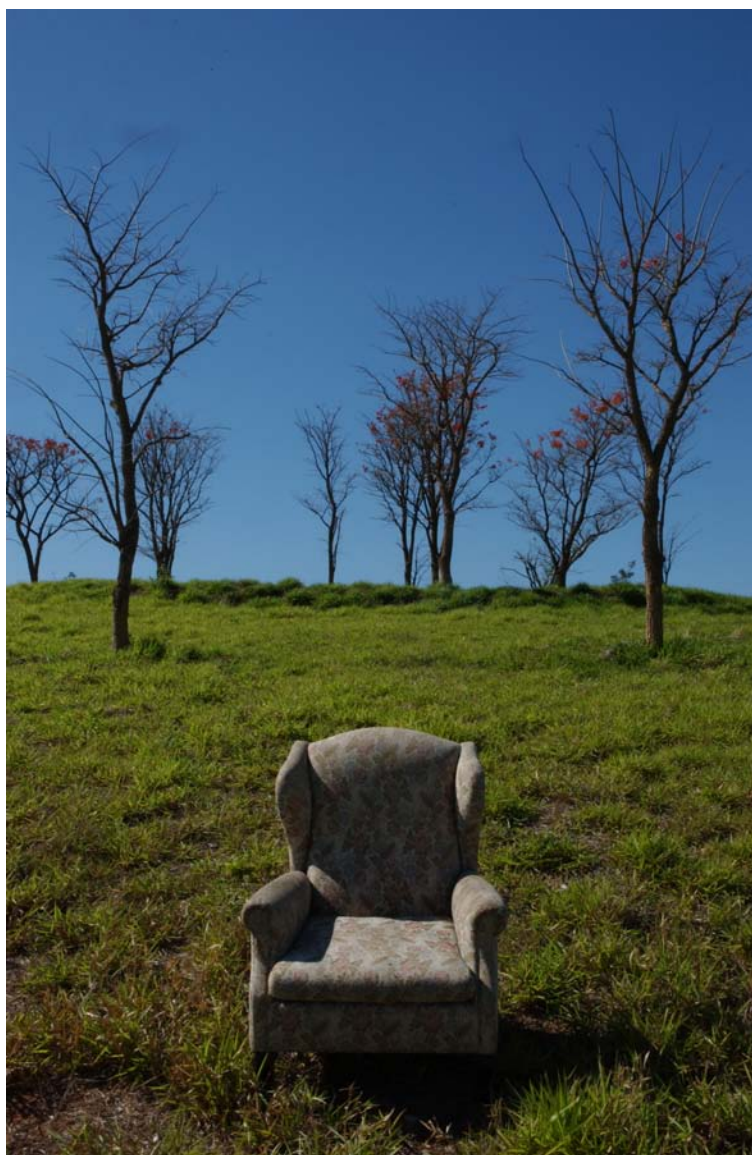
Um dia alguém morre e um abismo de ausência
surge, uma implosão suga todas as coisas ao redor e cria
um marco que nunca poderá ser mudado. Uma marca de
Nada que faz todas as outras coisas – as de antes e de depois
– assumirem um certo contorno, uma cor, uma aparência
diversa daquilo que era comum. E então se percebe a busca,
essa busca que nunca acaba.

12. Foi o que vi no meu
sonho 22/04/03

Saio da casa e olho lá fora. Abro os braços tentando alcançar os dedos sobre a paisagem para onde se dirige meu olhar. Indefinida, sem fronteiras, contornos, é

tão natural quanto humana.

a paisagem melancólica, mas principalmente onírica. Tudo o que está entre-lugares pertence um pouco a esse reino. Por serem indefinidos, os afetos não conseguem se fixar, e os antigos afetos se tornam cada vez mais enraizados no espírito desse outro lugar que se perdeu: essa paisagem que conheço profundamente e quase nada é minha alma?



sonho: Foto de Gui Galembeck

Um Homem sonha. Não é um sono tranquilo,
é um grito, e o eco ultrapassa fronteiras do
sonho. Ele está andando por um descampado
e vê a Mulher. Aquela que é uma, duas, aquela
que chora e que ri, olha ao mesmo tempo para
frente e para trás.

Ela ri e diz:

O que você esperava?

Ele responde:

Quero de volta tudo o que te dei, fiquei vazio...
sem onde...estou exilado em mim mesmo.
Tudo parece estranho, não há nada que eu
possa abraçar.

Elas dizem:

As coisas só podem ir em frente. A profundidade
é a maior das alturas.

Lá no fundo existem raízes profundas, misturadas, antigas. Lá no fundo onde não posso ver, só sentir. E onde posso ver, as raízes são finas, frágeis, quase nem se apegaram ao chão por onde deitam. Como fantasmas vagando por um encontro. Como sementes frágeis tentando criar raízes em solo árido.

Assim devo começar de novo. Como sempre começamos. Todos os anos, todos os dias, todos os milésimos de segundo são novos começos. Andar devagar e observar, perder tempo, ou ganhar. Cultivar novas raízes. Talvez assim eu consiga alcançar as raízes profundas.

Todo esse caminho habitante de minha paisagem, esse caminho que seguia tão certo, tão longo, mudou subitamente e vai desaparecendo, enfraquecendo, pois outro caminho imediatamente tomou o seu lugar. Tento sentir sua imagem, tento com o desespero de tudo que é urgente, guiada e socorrida pela imaginação, percorrê-lo antes que

desapareça em algum lugar que fica aqui mesmo, em minha memória. E ainda assim, ainda que se vá cada vez mais para o esquecimento, para o seu subsolo mais profundo, essa busca que tenho trilhado, ao invés de parar, continua, ao invés de se tornar mais fácil fica mais cheia de obstáculos, mais confusa, mais misteriosa. Ainda assim continua.

Paisagem: nanquim e aquarela, 07/2007

Alice concorda:

*Estranhos pássaros
escuros passam
enfileirados fazendo
muito barulho....
Tenho medo de
novamente me encontrar
naquele mirante, e
observando a paisagem
que me é tão conhecida
desvendar mais um*



*pouco daquilo que deveria permanecer segredo. Estar assim
mais só, porque descobri o truque ou o milagre da mágica
que assisti.*

*Como eu poderia dizer quantas coisas penso por
minuto e em tudo que acredito, temo, espero, adio?*

minha felicidade me faz mais triste

*quanto mais coisas acontecem mais espero, espero,
espero,*

como o ponteiro do relógio ritmado

a cada andar soa mais uma vez esta palavra

- Esperança - que é tanta coisa ao mesmo tempo....

*O passar dos dias, a Fé, o estático, o movimento
da alma, o desejo, uma simples palavra, toda a
importância do mundo.*

vou te contar o que eu sempre quis: fazer diferença.

Significar.

mas estou muito longe disso

(tanto quanto o bueiro do céu.... velha frase).

sou receosa demais...

e cada vez me esqueço, me esqueço do que sempre quis.

mas continuo esperando em todos os sentidos dessa palavra.

como alguém que cai e vê o chão se aproximando e então não vê mais nada.

Essa sensação de *exílio*, ou algo parecido, ausência, falta, solidão, está embrenhada em minha criação. Tenho que senti-la. E para isso mexo nos meus próprios vespeiros e pulo na água fugindo das picadas. Quando crio sempre me deparo com isso que ainda permanece para mim sem contornos, sem foco. Uma sensação... ei-la! É essa! A sensação do indefinido muito bem composto, de algo tão profundo e forte, e ao mesmo tempo amorfo. E o que percebi

mais perto desse sentimento só meu é o que chamam de *exílio*, por isso, nestes escritos (e em mim) essa palavra surgirá muitas vezes. Não é minha intenção descrevê-la cientificamente ou fazer um tratado sobre este assunto. Eu só quero senti-la.

Existem alguns acontecimentos, algumas anotações que fiz para colocar nessa tese, que estranhamente escrevi em terceira pessoa. Questionaram-me sobre isso. Porque escrevê-los como se fossem a história de outra pessoa? Na hora pensei: tudo bem, posso reescrevê-los em primeira pessoa, não deve ser algo difícil. Mas descobri que é. Reescrevi os trechos, mas algo me impede de colocá-los aqui, não sei ao certo o motivo. Vergonha? Falta de coragem? Não sei, realmente não sei. É outra das minhas sensações inexplicáveis, mas nem por isso fracas, reprimidas, submissas. É como se ao escrever esses acontecimentos eu os tornasse reais, dores palpáveis, mesmo tendo descoberto há pouco tempo (quando minha mãe me disse que eu estava

equivocada, que as coisas não haviam acontecido da maneira como eu contava), que são parte de minha memória e talvez não tenham ocorrido dessa forma. É como se ao escrevê-los eu revivesse esses sentimentos e me condenasse a ficar sempre ressentindo cada vez que esse texto fosse relido. Não consigo escrevê-los com minha própria voz. Ao mesmo tempo, existe uma parte de mim que quer colocar isso aqui. Foi essa parte de mim que escreveu tudo. Uma de minhas faces, uma de minhas vozes. Essa voz que escreve - *Miruha*, só ela tem a força que é preciso para dizer tudo o que é necessário, para tentar tocar essas imagens que me doem tanto.

E ela quer falar. Ela diz:

Uma moça está parada em uma rua. Ela espera. Então depois de um tempo, um carro se aproxima e pára. Ela entra no carro. No interior do veículo uma senhora dirige. São mãe e filha. Não se sabe sobre o que conversam. Dirigem um tempo e procuram um local para estacionar: chegaram a um hospital. Dá pra ver as ambulâncias paradas, macas e pessoas encostadas pelos cantos. É tarde, 3 horas da tarde, o sol está forte. Caminham até uma fila e pegam o último lugar. Com o tempo, outras pessoas vêm e se posicionam atrás delas. Demora. O tempo passa e as pessoas começam a ficar inquietas, começam a falar umas com as outras, perguntam que horas são, dizem que estão atrasadas. É então que uma voz fala pelo alto falante. É então que chamam o nome da família da moça e da mãe. “favor se dirigir até a

porta de entrada do pronto-socorro”. Elas vão. Elas já sabem. Acho que talvez elas segurem a mão uma da outra e apertem. Caminham para o local indicado, quase querendo não caminhar. Então, quando chegam lá, um rapaz de branco fala: “Sinto muito, mas o Sr. S. faleceu. O pronto-socorro está cheio e não pudemos fazer nada. Em outras ocasiões, cuidamos dele e deixamos de cuidar de outras pessoas, mas dessa vez tivemos que cuidar de outras pessoas...”

Um nada invade o espírito da moça. Um anti-sentimento, como se fosse um vácuo, uma lucidez talvez, uma lucidez absurda. A mãe fica parada e começa a tremer, seus olhos se enchem de água. De repente a moça começa a falar: “o que foi que você disse? Como é que você disse? Você é um desgraçado, um medíocre! Gente morta é

uma coisa comum? É só uma coisa a mais, sem nenhum significado? mas você está falando do meu pai! Não de um pedaço qualquer!”

Tentaram acalmar a moça, que conforme foi falando, foi erguendo o tom de voz, foi ficando cada vez mais alterada. Nem ela sabia o que sairia da sua boca quando começou a falar, talvez tenha sido algo que não tenha passado pelo pensamento, um sentimento tão grande que não podia ser sufocado. Um sentimento-ação tão absurdamente necessário, que saiu direto. A mãe não a censurou, parece que concordavam. O rapaz de branco ficou com aquela cara de “a coitadinha está sofrendo, eu podia ter sido mais delicado”. Provavelmente aquilo não o afetou nem por dois segundos sequer. Afastaram-se dali, a mãe já pedindo um telefone, ela queria avisar

as pessoas, ela precisava de apoio e companhia no seu sofrer. A moça, naquele instante e em muitos outros no seu futuro, só conseguiu pensar em uma coisa: tudo o que ela imaginava agora era o sofrimento solitário, a morte clandestina, tudo o que ela imaginava era o terror de desaparecer sem nenhuma atenção. O exílio até na morte. Ele havia morrido sozinho, sem talvez nem perceberem, enquanto elas estavam na fila esperando para visitá-lo. Ele atrasou o horário de visita. Talvez ele tenha chorado, talvez ele tenha gritado, pedido ajuda. Não se sabe, nunca se saberá... ele nunca reclamou de dor, nunca reclamou de nada. Só o que se podia ver era o olhar mudado, olhar sem vida a não ser a vida que havia no medo que sentia de morrer. Esse medo era tão claro: era um medo

*porque não dava mais tempo, era um medo
porque não havia mais força naquele homem tão
forte, era um medo por causa da honra que ele
não podia manter como acreditava, por morrer
seco, precisando de ajuda dos outros. Morrer
devendo.*

O sofrimento é um sentimento engraçado... sem limites, criou em mim uma carcaça defensora. Solidão, solidão...

Como será que é o minuto antes de morrer? O que será que se sente? Existem muitas especulações sobre isso e nenhuma certeza a não ser a da hora certa, a da própria morte; e então, não há mais tempo, um breve minuto de descoberta e lucidez e então mais nada.

É possível, porém, falar sobre como é o minuto depois da morte. Esse tempo é de quem continuou a viver e só dele, e é um tempo todo dedicado a quem se foi, em tentar entender que essa pessoa não se move mais, não mais observa, não mais diz. Ainda durante algum tempo, apesar da morte, são conservados os traços daquele que foi vivo. Somente traços. As roupas ainda têm o cheiro, os objetos pessoais, os livros, a escova de dentes, tudo o que pertenceu fica de repente sem dono. Não fosse isso, a disposição dos objetos indicaria que, a qualquer momento, a porta se abriria e essa pessoa entraria por ela como sempre. Os objetos não sabem que não mais pertencem. Nós, ainda que não tenhamos aceito ainda, sabemos: a pessoa querida - o pai - não existe mais.

Que estranho é dizer isso. Não posso mais tocá-lo, não ouço mais sua voz. Tudo que tenho são fotografias, imagens, o quadro que pintamos juntos com uma paisagem

do Japão, presentes, objetos e nossa lembrança. E quando todos morrerem, minha mãe, meu irmão e eu o que terá então restado dele?

Miruha diz:

*(“Pense mais em você e menos no seu pai”,
foi o conselho que ele deu a ela. E ele sempre
acertou, sempre. Mas há muito tempo não era
necessário encarar uma verdade como esta.
Estava perto do Dia dos Pais. E por mais bobo
que seja este dia, ninguém sabe o quanto é
difícil ouvir falar tanto (nas propagandas do
jornal, na televisão, em outdoors) sobre um dia
destinado a uma pessoa que não existe mais.)*

Que não existe mais ... com quem não se pode mais
conversar e nem perguntar tudo o que agora tem vontade,
curiosidade, saudade sem nem mesmo conhecer, saudade

de um país, de parentes que nunca estiveram presentes a não ser nas palavras, nos gestos e na fé. Ele não pode mais responder estas perguntas; e mais ainda, já não pode substituir tudo isso que se percebe agora como um grande abismo que separa uma margem da outra, um nada que se quer preencher, que quer ser atravessado a todo custo, tão imenso, mas insignificante, pois se encontra dentro de outro abismo, e este agora, dentro de um abismo maior que o primeiro e que o segundo, e um terceiro maior ainda até chegarmos no abismo que todas as pessoas do mundo querem cruzar, aquilo que falta a cada um, a ausência de alguma coisa que sentimos já ter conhecido intensamente em algum dia do mundo, talvez, talvez...

Novamente, ouço a voz de Alice:

Não sei bem como isso começou. Estava em um lugar, de fora olhando lá dentro as pessoas tão apáticas. Senti que algo me faltava. E pensando,

pensando, sem conseguir ter freios, entendi muitas coisas que agora não parecem mais tão palpáveis, que agora vou buscar com palavras e talvez, se possível, com imagens mostrar o que naquela hora preencheria 300 páginas inteiras.

Não sei bem porque isso começou. Mas acho que talvez seja devido à ausência que me rodeava. E naquele momento eu estava sentindo aquilo por uma coisa tão pequena, algo como uma briga tola que dura só um dia. Mas essa coisa pequena me fez lembrar outra coisa um pouco maior, e esse buraco maior me lembrou de outro maior ainda e assim foi, até que cheguei em um lugar que era bem como o universo. Vazio e ao mesmo tempo tão cheio, mas predominantemente vazio, pois sem referências. Mas exatamente para descobrir esse lugar, para saber dele, sobre ele, para preenchê-lo é

que me esforço tanto e que imagino mil coisas que nunca teria imaginado se tivesse esse espaço cheio de “sei-lá-o-que”, cheio de coisas que normalmente são suficientes para trazer o conteúdo geral e superficial. Tipo uma vidinha normal, ou um carro do ano, ou um bom emprego que alimenta o corpo, mas mata a alma. Pois é. E foi então que eu entendi que esta ausência é que me faz ter tantas idéias, que me faz buscar sempre e não estar parada, que me faz um espírito inquieto. E esta inquietude, a mesma de tantas outras pessoas neste mundo, e ao mesmo tempo tão subjetiva e única, é que me tira, como tirou de muitos outros e tira ainda e vai tirar muitas infinitas obras, histórias, imagens. Sem esse sentimento permanente de algo que busco, talvez, eu acredito, não haveria metade disso, não haveria nenhuma história.

E então reencontro essa sensação. Quase a chamo de *exílio*. Algo confuso e de difícil explicação. Daqui de onde vejo, de onde sinto, sinto confuso. Se posso chamá-la de *exílio*, não é somente um único (daquele em que estamos longe de “casa” por vontade própria ou por vontade alheia), mas algo como um exílio do exílio. Um sentimento-pressentimento tão difícil de explicar que às vezes penso em desistir de fazê-lo. Talvez ele queira permanecer só sendo sentido.

O sentimento começa no dia em que deixei ou fui deixada por aquilo que me fazia sentir *pertencer* e nunca mais termina. E foi uma escolha eterna, ainda que não tenha sido uma escolha. O que imagino agora é que todos somos de alguma forma desterrados, embora alguns nunca se dêem conta de sua condição enquanto outros sofrem uma situação a partir da qual sentem de forma mais grave este sentimento. Alguns têm uma marca a partir de onde acreditam começar

o seu *exílio* e talvez algum dia percebam que este é apenas um dos muitos desterramentos que sentimos.

Meu pai tinha esta marca. Ela surgiu quando ele saiu de seu país de origem e viajou de navio para o Brasil. Ali no cais do porto deve ter olhado ao redor e apesar da decisão de partir se sentiu pertencer. Ali, aquela imagem foi vista e aquele sentimento foi sentido pela última vez e só tiveram lugar novamente em suas lembranças, porque nunca mais nada disso pôde ser novamente retomado. E posso dizer que ele viveu a mágoa de quem não voltou nunca a pertencer novamente. Sua lembrança evocava o país que deixou ou as pessoas e os lugares e os costumes da forma como os viu pela última vez. E essa lembrança ou o atormentou, ou o consolou, e o lugar totalmente diferente ao qual foi lançado acentuou essa lembrança e muitas vezes, provavelmente, criou nele uma expectativa de retomada, pois quando um

dia voltasse, voltaria ao “seu lugar”, e todas as coisas lhe seriam familiares. Essa ilusão e a proporção que tomou, e todas as mudanças, a expectativa de voltar e o sentimento de estar longe de casa, tudo isso criou esta história, estes sentimentos todos, e fez dele o que ele era e de mim o que eu sou.

Eu também deposei meus afetos nesse pequeno continente. Sentimentos contraditórios invadem-me enquanto lembro de julho de 1985, quando estive no Japão pela primeira vez, e meu pai retornava depois de estar 21 anos distante. Experiência inédita, tanto para o pai quanto para os filhos. Encontro e reencontro. Conhecemos lugares, família, maneiras. Ele os reencontrou. Na minha lembrança os lugares parecem mágicos, brilhantes e nessa viagem, todos os laços familiares foram fortes, ao mesmo tempo. Tento encontrar outra ocasião familiar semelhante, não me recordo. Não consigo imaginar como foi para minha mãe. Ela esteve

conosco por menos tempo, por causa do trabalho, a maneira que ela encontrou de tentar se sentir menos estrangeira no mundo. Sempre digo que nunca vi meu irmão mais alegre, sempre rindo, sempre brincando, disposto. Devo explicar que meu irmão é o oposto disso.

Depois todos nós retornamos ao Japão. Meu pai em 89, e novamente em 93. Em ambas as ocasiões ele passou entre um e dois anos lá, trabalhando como *dekassegui*. Minha mãe em 94, para encontrar meu pai que estava muito doente, hospitalizado, na tentativa de ajudá-lo, saber o que estava acontecendo com ele, e acertar tudo para que ele voltasse assim que recebesse alta, três meses depois. Eu retornei em 96 quando fui trabalhar durante o inverno e passar um tempo nesse país que tanto me atrai, fiquei lá durante três meses, o tempo das férias da faculdade, e, apesar da vontade de ficar mais tempo, voltei para o Brasil, aparentemente por causa dos estudos, o motivo verdadeiro, a doença de meu pai. Meu

irmão foi para lá há três anos, e continua lá, fugindo e ao mesmo tempo tentando encontrar com ele mesmo.

Esse é um lugar-continente em que afetos são depositados. Os conteúdos afetivos ficam neles retidos e ao partirmos somos fiéis a eles. Quando esses continentes afetivos desaparecem, os conteúdos que estavam a eles ligados ficam soltos. Vagam por aí como fantasmas.

(Aqui, me pego escrevendo sobre um exilado, um naufrago, um andarilho, que retornando ao seu lugar de origem após um longo período percebe que ali se sente verdadeiramente exilado, sem agora, nenhuma esperança de reencontro - a não ser na lembrança - com aquele “lugar” onde acreditava que iria reencontrar a si mesmo. Aquilo que foi deixado, só poderá ser encontrado, unicamente, nele mesmo, em sua memória. A narrativa que nasce desta constatação, que se desenrola no tempo – passado e presente

- confunde-se com esta pessoa e ultrapassa a fronteira entre o verdadeiro e o falso. Essa pessoa sou eu mesma. Penso nela e penso em mim, imagino sobre a memória dela, mas é a minha memória que está aqui disposta.)

A memória nos faz perceber coisas de que não tínhamos dado conta, nos faz estar em lugares que já foram próximos. E então, o acontecimento pode ser “guardado” de uma forma mais bonita, mais romântica, trágica, feia ou aterrorizante, pode dar maiores proporções a pequenos detalhes que não percebi conscientemente, que talvez algum dia, a partir de uma sensação, intuição ou reflexão, venha à superfície consciente; ou permaneça inconsciente e brote através de sonhos em formas que não são racionais, mas simbólicas; ou nunca brote. O que foi guardado, da maneira que foi guardado passa a ser o que aconteceu para mim, porque eu me lembro assim:

Era outubro. Foi então que ele embarcou para o Brasil no navio América Maru. A viagem durou um mês. Seu nome era Hiroshî. Ele vinha de uma região chamada Fukushima, Aizu Wakamatsu, mas estivera morando em Tóquio por alguns anos onde trabalhava em uma empresa que produzia uniformes de artes marciais. Ele mesmo era terceiro dan em kendô, uma luta de bastão. Seu pai havia sido militar, por isso Hiroshî nascera fora do Japão, mas não gostava de dizer isso, talvez certa vergonha, talvez porque as pessoas que não viveram naquela época e lugar não entendessem que a Manchúria era território japonês. E ele era japonês sem dúvida alguma. Disso ninguém poderia duvidar, nunca. Seu orgulho pela sua nacionalidade era enorme,

maior até que o próprio país. Manifestado por um tipo de sentimento que tinha, que foi se tornando uma necessidade de algo grandioso, de algo desconhecido ele entendeu, relacionando todos esses sentimentos, que iria embora dali. Com seu orgulho de ser japonês e sua fome de algo grande. Não iria embora para sempre, é claro. Não para sempre. Iria fazer fortuna naquele lugar chamado América. E para lá, onde teria mais oportunidades, levaria todo esse orgulho e, então rico, voltaria um dia a Fukushima, terra que amava, onde poderia viver uma vida diferente da que tinha tido, cheia de fome, castigos, horrores e necessidades. Voltaria grande aquele que se sentira muitas vezes uma mosca.

Seu pai já havia morrido. Como era bonito este homem, imponente com seu uniforme militar, era bonito mesmo quando atacava chineses e coreanos, era bonito mesmo quando era duro com a mulher e os filhos...



Avô, Autor desconhecido

Assim eram os militares, ainda mais na guerra que confunde e altera a cabeça de todos. Ele não quis mais viver depois da Segunda-Guerra, não havia mais farda para vestir, não podia mais conquistar, não havia mais sentido, não havia mais honra, só o “submeter-se” – eles perderam... mas os japoneses não perdem.

A mãe ficou no hospital no dia de sua partida. Ela esteve doente após ter que trabalhar nos arrozais para sustentar os 5 filhos. Ela estava morrendo, mas o navio não iria esperar por ele. O navio zarpando, se afastando na margem e deixando mais rastros que o das águas deslocadas.



Avó. Autor desconhecido

Foi em abril que ele embarcou e não em outubro?
Talvez esse orgulho só tenha tomado forma depois que saiu de sua pátria e foi aumentando conforme a distância crescia mental e geograficamente. Talvez seu pai tenha sido um homem justo e correto de acordo com a época em que viveu e com os costumes e crenças japonesas.

Essa é minha história de meu pai, minha história de avô e avó e tios. A história que imagino ser, a história surgida de algumas palavras que sei, que ouvi, que vi: Japão, Fukushima, Manchúria, câncer, militar, Segunda-Guerra, navio, kendô, partida, orgulho, Tóquio, irmãos. São fragmentos, pedaços dessa história que eu não sei como foi e que me é tão cara, que reinvento e tento entender por necessidade, porque é também minha história, porque é, em mim, ausência. Um pertencer negado, tão forte que me afasta, tão lindo e tão feio. Meu exílio sem ter sido exilada.

Aqui comecei falando da morte, e este texto mergulha nela e nos sentimentos que ela produz, então vai se embrenhando por toda a vida para, por fim, provavelmente retornar à morte.



Passagem

Resolveram todos andar no chapéu mexicano. A idéia parecia ótima, o brinquedo interessante, aquelas pequenas cadeiras iam se jogar ao vento, à imensidão, ao alto.

Dividiram-se ali entre as cadeiras, só os amigos (o parque de diversões estava vazio) e aos poucos, começaram a girar. Todos olhavam uns para os outros parecendo eufóricos. A intensidade dos giros foi aumentando e assim, as cadeiras se espalharam de forma simétrica no ar como uma flor que desabrocha, um guarda-chuvas que se abre. Todos riam muito, agitavam os braços em forma de asas, mexiam os pés como se corressem no ar, impulsionavam o corpo para os lados para que as cadeiras

girassem. Alguns gritavam alegrias, risos ecoando pela noite, e todos pareciam se sentir bem, menos ela. A cada giro daquela roda ela apertava mais as correntes, o mal estar a dominando, queria sumir dali, gritar que parassem o movimento. Imaginou muitas coisas: a sua cadeira se desprendendo da estrutura e espatifando-se no chão, seu corpo escapando daquelas cadeiras precárias e sendo atirado para algum lugar. Sentiu tanto, sentiu o abismo de si mesma ali no alto, sentiu o obscuro intenso e irreconhecível, inexplicável, sentiu medo. Tentou olhar a paisagem, ora o mar, quando a cadeira se voltava para a praia, ora as luzes coloridas do parque. Tentou sentir a mesma alegria dos seus amigos. Ouviu a voz do Amor gritando para que ela

soltasse as mãos, para que ela sentisse o vento, mas a cada giro seu corpo se tornava tão tenso quanto o metal que ela segurava. Suas mãos estavam calcificadas àquelas correntes. Tudo isso demorou uma vida inteira, ela envelheceu ali, como se cada volta fosse um ano. Por fim a força parou de abastecer a máquina e as últimas voltas ficaram por conta do peso das coisas até que a flor murchasse. Quis beijar o chão que não parecia estar sob seus pés. Desceu do brinquedo, mas seu corpo acreditou estar ainda rodando durante horas. Os amigos riam e queriam logo ir para outro brinquedo. Pediu que fossem e a deixassem ali. Todos acharam normal que ela estivesse sentindo náuseas por causa dos giros do chapéu.

Sempre que se lembra desse dia, tem certeza de que nunca mais subirá nesse brinquedo. Mas hoje, ela entendeu toda essa situação como uma metáfora de si mesma. E nela não há escolha de subir ou não. O movimento começou e a roda está lá em cima girando no ápice da força. Ela percebe o medo que sente de soltar as correntes, de sentir o vento e fingir o vôo. Na memória daquele dia ficou registrado o haikai da sua pessoa.

Mas como mudar de atitude estando no meio do movimento que a atormenta? E como transformar a sensação de insegurança em seu oposto, o medo em crença e o terror da altura em paisagem? Se a corrente arrebentasse e seu corpo voasse pelos ares até cair no chão... a roda seria então a própria vida, haveria

o fim da angústia e também de tudo o que resta e então o Nada. Risos ecoando até que o silêncio tomasse conta de tudo, nem as ondas do mar seriam ouvidas, nem o alvoroço das pessoas em sua volta, só o Nada silencioso. E nesse silêncio, se fosse possível o arrepender-se, se fosse possível refazer tudo até então, ela se veria lá em cima fingindo vôo com os braços abertos, olhando tudo com fé. Ainda que só por um segundo ela imaginaria e valeria à pena. Já no chão sem vida, já sem a possibilidade de subir no brinquedo e tentar de novo. Já sem chances.



RAIZ

Traga a raiz pra mais perto da flor¹³

D*emorou pra chegar naquela casinha. Tive que subir muito e me embrenhar no meio da mata, seguir o rio durante um tempo, depois passar pela grande pedra que pendia da montanha como uma verruga grande, e subir, subir até chegar lá. Ali meu desejo de silêncio, minha vontade de solidão somente pra encontrar as Palavras.*

No começo acreditei que elas viriam até mim - como uma matilha me caçando - e fiquei por ali rodeando em volta da casinha, caminhando fingindo desatenta até a nascente, pegando lenha, pescando peixes voadores. Senti que estava sendo observada: a Natureza tem muitos olhos. Eram as Palavras. Observavam-me e espreitavam, mas não vinham

¹³. Frase de Marcelo Beso

me tomar. Resolvi então sair para caçá-las, tinha como armas uma rede e um papel. Procurei muito, primeiro em lugares amplos, depois só olhando o chão, embaixo dos troncos caídos, entre as pedras, nas cascas das árvores, nos ninhos dos passarinhos, na curvinha das águas da nascente, nos olhos das libélulas, nos orvalhos contidos nas folhas, embaixo da asa do besouro, nas teias das aranhas e nas patas dos pernilongos. Não as encontrei. Voltei pra casinha sentindo muito cansaço e desânimo, devo ter dormido três dias. Acabei não querendo mais sair, fiquei ali, sentada, às vezes deitada, a mente vazia quando vazia, pensando quando pensava. Até que uma noite ouvi barulhos lá fora. Pareciam passos de gente ou de animais que logo sumiram. Na noite seguinte novamente passos que chegaram mais perto e se foram e então, na última

noite, os passos e demais ruídos chegaram até a porta, janelas e começaram a forçá-las. Faziam muito barulho, mas apesar do pavor, consegui caminhar até a porta e abrir devagar. Lá fora, as coisas estavam exatamente iguais ao que sempre estiveram: um besouro agitava as pernas tentando se virar, andorinhas voavam por todos os lados, as folhas se enfeitavam com orvalhos, pernilongos pousaram em mim com suas patas, os olhos das libélulas refletiam a água do rio.

Nunca encontrei as Palavras fora de mim.

(Alice sempre diz as coisas de uma forma mais bonita... para mim funciona assim: eu sinto, imagino e tenho vontade de escrever. Não é por acaso que minha pesquisa se dá na linha Audiovisual e Literatura, não é por acaso que tenho uma estreita ligação com a literatura, com produções literárias, minhas e de outros. É como se as palavras me auxiliassem a transportar todas essas imagens, essas atmosferas.)

Meus escritos são mesmo sem fórmula alguma. Não tenho idéia de como foi que fiz em outras vezes, e mesmo se soubesse, entendi que fórmulas não podem ser aplicadas para fazer algo verdadeiro, porque tudo muda ao tempo, as coisas são sempre diferentes. É preciso agir como uma semente que se desprega do tufo e vai com o vento cair alguma hora e criar frutos, ou como “um castor que bóia na

correnteza do rio deitado de costas, as patas encolhidas no peito, olhando para o céu profundamente azul”¹⁴. É preciso se deixar levar.

Mas mesmo para se deixar levar é preciso concentração, e a minha, nunca foi muito forte. Sou uma pessoa dispersa. Lembrei-me por causa da palavra “concentração” que, quando estava no colégio, as salas que estudávamos eram no segundo andar do prédio e eram viradas para um grande pomar de mangueiras. Eu sempre me sentava na janela. Não conseguia nunca me sentar no meio, nem no canto da parede, eu tinha que me sentar na janela, normalmente no segundo ou terceiro lugar. Eu ficava muito tempo das minhas aulas olhando lá pra fora por aquelas imensas janelas, molduras do mundo, olhava as folhas das árvores contra o céu, olhava os vários tipos de passarinhos que voavam pra lá e pra cá, olhava as frutas mudando de cor e caindo. Essas foram minhas

14. DODGE, Jim. Fup. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 4ª edição

lições de matemática, química e física. Minhas lições de geometria e português; foi o que aprendi de filosofia. E claro, nunca fui boa aluna em nada, porque não conseguia me concentrar nas aulas mais que na paisagem que estava lá fora e acabei sempre sendo aquela aluna que conseguia “passar raspando”. Eu talvez pudesse ter estudado mais ao invés de olhar tanto pela janela. Sempre pensei isso até que neste ano que passou conheci a obra do poeta Manoel de Barros. Lendo seus escritos compreendi que as coisas todas que eu ficava olhando pela janela ensinam muito. Para esse poeta, o ínfimo tem grande importância, aquilo que está embaixo das pedras, no leito dos rios, nos olhos dos insetos. A maior importância para ele é de encontrar o sentido das palavras que não está pré-estabelecido, o sentido único e sonoro, sua essência.

Durante muito tempo, tive dificuldades em conseguir escrever esse texto. Nesse período, era como se eu

fosse um oco, sem nada para doar. Ficava frequentemente sentindo uma grande angústia, tentando alcançar algo que até hoje não sei explicar o que é, mesmo podendo dizer agora, nesse instante, esse algo está aqui. Quantos fragmentos, quantas pistas guardei para que juntos me iluminassem e acordassem todas essas coisas que pouco a pouco foram surgindo com mais facilidade, ou sendo enfim enxergadas.

A palavra que falo carrega minha loucura.

*Ela se embebeu de mim quando saiu pela
minha boca.*

*Essa mesma palavra - ouço-a muitas vezes
- dança pelo mundo através da boca das pessoas.*

*E novamente escuto a loucura impregnada.
uma palavra, diferentes demências, pois somos
todos diferentes.*

*Cada um com seu disfarce, cada rosto escondido
atrás da palavra que escolheu e preencheu de
vaidades, ou virtudes, ou defeitos.*

*Por trás disso tudo, a palavra em si, leve, clara e
depois dela, a pessoa livre de fronteiras.*

*Foi na quietude da perda, no silêncio ao mesmo
tempo companheiro e solitário que percebi um pouco
da essência da palavra de meus amigos.*

.....

*Ali eu pude entender melhor a palavra de cada
um por termos estado mais perto no silêncio.*

Sinto muito a ausência de meu pai. Sua morte
levou-me junto um pedaço, um pedaço que eu não conheci
direito, um pedaço que falta. Se estar exilado é estar “longe
de casa” e a existência do Pai é certamente uma de minhas
casas, sua falta é um dos exílios a partir do qual pude sentir

todos os outros.

Nunca soube muito sobre o pai, a não ser a parte que se mostrava. Contou-me pouco sobre si mesmo, sobre o passado, quase nada, e minha falta de curiosidade a esse respeito não me levou a perguntar. Arrependo-me. Ignorei minhas raízes e só resta cavar em mim mesma buscando algo que me faça *pertencer*. Sinto que a memória é como um mapa sem o qual eu estaria realmente perdida. Passo horas sentada em algum lugar vasculhando esse mapa, lembrando daquilo que de alguma forma posso ainda lembrar...

Recordo os nossos jantares, os quatro sentados na mesa, o irmão ao lado da mãe, eu ao lado do pai. Eu e meu irmão sentados um em frente ao outro, o que fazia surgir, em muitas ocasiões, acessos de risos durante as refeições. Não podíamos olhar um para o outro - a explosão de risos invadia a copa. Minha mãe levava tranquilamente essa situação, rindo junto, ou deixando para lá, mas meu pai

tinha reações radicalmente contrárias. Primeiro ele ria, um riso tentando não rir. Depois ele ficava bravo, mas a braveza dele era única. Era uma coisa tão bruta que parecia um ódio. Aquele maxilar se endurecia e ele falava em japonês, com voz de samurai ofendido. Eu sempre acabava chorando. Era uma sensação tão estranha essa de passar do riso abundante ao choro, porque ambos pareciam tão semelhantes nessas horas. E agora me dou conta de que não foram somente minhas atitudes que resultaram nessa falta toda de informações a respeito de meu pai. Todos nós tínhamos um pouco de medo de suas reações imprevisíveis quando estávamos brincando ou simplesmente conversando. Eram tão imprevisíveis, que muitas vezes eu já estava esperando a surra, ele simplesmente ria como se nada tivesse acontecido e fazia um comentário totalmente adverso àquilo que seria a reação mais óbvia de qualquer pessoa. Ainda assim o arrependimento persiste, pois essa falta de interesse na

história de meu pai, na sua cultura e língua existiu de fato. Pode ser que fossem apenas reações a todas as investidas dele para que nós falássemos a língua, para que nos relacionássemos com outros japoneses. Éramos obrigados durante muito tempo, eu e meu irmão, a freqüentar aulas de japonês. Primeiro na Associação Nipo-Brasileira de Campinas, cujo professor, *Kaneco Sensei*, sempre aparecia na televisão, comerciais e pequenos papéis nas novelas. Depois, aulas particulares com um senhor que é para mim sem nome. Ele tinha as mãos retorcidas, característica que ficava mais evidente antes de começarmos as lições. Essa era a hora da reza, e ele juntava as mãos enquanto falava a oração em japonês, não tenho certeza se budista ou xintoísta. Eu e meu irmão deveríamos fazer a mesma coisa, juntar as mãos e fechar os olhos, mas eu, sempre bisbilhoteira, abria-os para poder analisar sem constrangimentos as mãos do *sensei* e a sala-garagem em que fazíamos as aulas

torturantes. Resumiam-se em copiar o que ele escrevia e ler pequenas histórias de livros didáticos. Nós três, ali, nunca conseguimos nos comunicar, nem aprender nada a respeito uns dos outros. Hoje para mim essa lembrança faz parte do tesouro de que tanto falo. Pode ser que aqui nestas páginas eu possa entender melhor o que trago comigo do passado. O encadeamento das minhas lembranças talvez tenha uma coerência, ainda que imaginada, e este quebra-cabeças que se apresenta sou eu mesma desmontada.

*Penso em todos esses anos que se passaram e que
continuarão a passar.*

De repente percebo como pouco descobri.

Mais que isso, oculteí coisas que já sabia,

sentimentos que entendia,

e a cada dia que se passou,

fui deixando de ser inteira.

Hoje sou somente pedaços.

Sinto o Tempo, tanto o presente, de onde escrevo, quanto o passado, essa que sou. Para sentir o Tempo, sinto também, necessariamente, a Duração que é o ponto exato e, apesar disso, o ponto que nunca está no mesmo lugar - futuro se transforma em passado e avança. Como um novelo de lã no qual vou enrolando fio sobre fio, sou cada vez mais, composta de mais passado. E mesmo aquilo que senti quando era ainda uma criança e ainda não tinha tanto atrás de mim, e talvez fosse mais leve, e mais livre por não ter muito sobre o que refletir antes de agir, está agora, neste instante em que escrevo cada letra, inclinado sobre mim junto com todo o resto. Hoje acredito estar perto do ponto onde provavelmente meu passado é tão forte ou tão extenso quanto meu possível futuro.

O passado está, portanto, sempre comigo no presente e apesar de não ser com ele inteiro, mas com apenas uma pequena parte que componho meus pensamentos conscientes, é com todo o novelo enrolado que sinto e desejo. Assim, cada coisa que sinto ou escrevo é sempre nova, mesmo tratando-se do mesmo tema, porque ainda sendo a mesma “paisagem” não sou eu a mesma pessoa. A lã deu outra volta no novelo, meu passado cresceu atrás de mim, o saco de tijolos que venho carregando está mais pesado e não vai ficar mais leve.

Fui um dia em um pai-de-santo. Foi a primeira vez. Jogou os búzios e, dentre muitas outras coisas disse: Sua vida vai dar uma volta de 360°. Sou lenta de pensamento, na hora não percebi que essa volta acabava no mesmo lugar. Queria retornar lá e perguntar para ele o que isso queria dizer. Mas a imagem desse novelo de lã deve estar ligada a isso, assim como esses ciclos todos que sempre enxergo por

aí, de que sempre falo e escrevo.

Lembro que meu pai contou-me uma vez, no carro indo para casa, sobre seu pai. Só me contou como exemplo de um equívoco: o suicídio. Disse que tinha consultado uma vidente japonesa e ela lhe tinha dito que meu avô estava vagando *entre-lugares*, que não havia encontrado a luz como minha avó, porque ele desistiu de sua vida, forçando uma morte artificial. Esse relato e a foto antiga de família são tudo o que tenho sobre os pais de meu pai. Nunca lhe perguntei mais nada.

Meu pai consultava essas videntes japonesas e, por esse motivo, passei muitos anos tendo que escrever meu nome com um “u” a mais – Haruumi. Assim, na forma escrita com caracteres ocidentais passei de “linda primavera” a “mar de primavera”. Isso tudo pode ser considerado como uma questão numerológica que transformou meu nome, mas o que sinto é que essa mudança levou-me para bem mais perto do mar.

Identifico-me com as águas. Sinto-me mais calma e plena de mim quando perto delas. Todos se sentem diferentes quando perto de suas origens e minha origem é na água.

Ao mesmo tempo, associo ao deserto muito de mim. E o mar está muito mais perto do deserto do que se pode pensar ainda que um só possa existir no mesmo espaço com a ausência do outro. É assim que me sinto na

maior parte das vezes, ora mar ora deserto, seco e úmido.

Por que é que tenho essa necessidade de falar tanto sobre meu pai? Sonhador, ele esteve sempre ausente de casa, ocupado com a medicina oriental e associações japonesas das quais muito pouco sabíamos. Voltava de São Paulo à noite, com cheiro forte de gasolina e gás carbônico. Talvez, agora sua inexistência me faça lembrar dessas coisas com carinho e me façam também impedir qualquer pessoa de falar mal dele na sua ausência, não quero saber dos seus defeitos agora que ele não está mais aqui, como ele fez de certa forma comigo quando falava sobre o Japão, este país que para ele era sem defeito algum. Lembro de como me ensinou que os japoneses eram justos (daí eu ter por muito tempo acreditado na justiça), honrados e tinham muito respeito. Como tudo era organizado no Japão, como tudo era perfeito. Acreditei. Sempre. Depois de passar muito tempo acreditando no que

ele dizia, descobri - como as crianças acabam descobrindo um dia que Papai Noel ou o coelhinho da Páscoa não existem. Vi os japoneses e sua crueldade, seu rigor exagerado, sua tristeza guardada e sua honra atomicamente bombardeada. Encontrei em mim dois países diferentes: aquele que meu pai contava e aquele que escondia. Ele não era tolo. Ele sabia bem de toda crueldade, de toda injustiça, mas tentou (re)inventar daqui um lugar que era importante para ele, que amava e de que fazia parte. Não queria que seus filhos soubessem das coisas ruins, dos defeitos, das tristezas infinitas. Tentou criar uma imagem e acabou acreditando mais do que ninguém naquela invenção.

Lembro-me que sempre alugava filmes japoneses. Esses filmes eram gravados da televisão japonesa ou “pirateados” de fitas seladas, e eram alugados meio clandestinamente em comércios japoneses, como o escritório de contabilidade que tinha um quartinho-locadora. Eu e

meu pai éramos freqüentadores assíduos de uma dessas locadoras, eu até trabalhei lá quando adolescente, no período de férias, para “aprender sobre o trabalho e sobre a cidade”. Foi uma época muito interessante, quando eu conheci um pouco da cidade onde morava. Tinha que fazer entregas no centro de Campinas e não tinha a mínima idéia de onde era a rua a que deveria ir. Sempre criada com o “cabresto curto”, demorou muitos anos para que eu pudesse assistir ao programa que quisesse na televisão, ou sair sozinha. Então eu tinha que ir entregar um recibo, ou fazer algum pagamento e não sabia para que lado ir, mas fingia que sabia exatamente. Parava a primeira pessoa que encontrava na rua, fingia um sotaque de fora e pedia indicações. Nessa época também aprimorei muito meu japonês, pois a maioria dos clientes destes lugares quase não falava português, eram mais idosos e queriam assistir novelas japonesas e filmes de samurai. Algumas dessas novelas tinham quinze

fitas VHS de extensão. Eu e meu pai adorávamos alugá-las e passar a noite inteira assistindo (como a história da menina que foi criada em um reformatório e queria montar uma banda de rock. *Tozasareta kokoro no tobira. Waku no ga taoreta tokiwo*. “Pai, o que ele disse?”; “Pai o que aconteceu agora?”). Eu vivia perguntando e ele ficava ali, a noite toda traduzindo as falas para mim.).

Um dia ele estava saindo e me perguntou se eu queria alguma coisa (algum filme) e eu pedi que me trouxesse anime/mangá - desenho japonês. Fui assistir sozinha e fiquei chocada. A história era sobre as bombas nucleares. Atualmente esse desenho saiu em forma de histórias em quadrinhos sob o nome de *Gen - Pés Descalços*¹⁵. É uma história muito triste, sobre uma família e o que eles passaram para sobreviver durante essa época. Meu pai me perguntou depois se eu tinha gostado do desenho e eu disse a ele que era triste, que eu tinha chorado muito

15. NAKAZAWA, K. *Gen, Pés Descalços*. São Paulo: Conrad Editora, 2002, 3 volumes.

porque era uma história sobre a guerra. Ele riu de mim, disse que eu estava exagerando. Mais tarde naquela noite, acordei por algum motivo e ouvi barulho na sala. Vi-o sentado bem no meio do sofá, de pernas cruzadas como um bom japonês assistindo ao desenho. E ele chorava. Foi a segunda vez que vi meu pai chorar. A primeira foi no Japão, quando caminhávamos em um museu dentro de um castelo da região onde ele cresceu. Ele viu um quadro onde os samurais cometiam *seppuku* (mais conhecido como *harakiri*) nas redondezas do castelo tomado pelos inimigos. Eu e meu irmão rimos dele nesse dia, tamanha a surpresa de vê-lo chorar, e ele disse: “Esses são meus ancestrais”.



Byakkotai. Autor desconhecido. Pintura do Museu do Castelo Aizuwakamatsu

O quadro que estávamos vendo mostrava a lendária história que se passa durante a guerra civil Boshin - a guerra do Ano do Dragão, que durou de 1868 a 1869, e foi travada entre as forças do Xogunato Tokugawa e os que favoreciam a restauração do Imperador Meiji. Essa foi uma guerra complexa, cheia de conflitos, golpes, e também a assistência militar estrangeira. Após a rendição de Edo, a maior parte do Japão aceitou a autoridade imperial, mas

um grupo do norte, comandado pelo clã de Aizu continuou a resistência. Apesar de grande número de tropas que essa coalizão norte possuía, não havia acesso a armas modernas e ela dependia de métodos tradicionais de luta. As tropas imperiais foram aos poucos avançando até chegarem ao castelo de Aizuwakamastu situado na região de onde vem a família de meu pai. Durante essa batalha é que se passa a história dos Byakkotai, os “Tigres Brancos”. Dezenove samurais jovens entre 16 e 17 anos que, situados no topo da colina de Ilimori avistaram o castelo em chamas e, pensando que tinha sido destruído cometeram o seppuku.

Eu vejo muitos japoneses e descendentes por aí: vejo velhos, vejo senhores, mulheres e jovens, vejo mendigos catadores de papel, vejo comerciantes, entregadores de panfletos. Vejo uma diversidade enorme, como em qualquer outra cultura, como em qualquer outro lugar. Mas todas as vezes que me deparo com um que seja “folgado”, mentiroso, mal-educado ou grosso, todas essas vezes, sinto muito mais raiva dele do que de qualquer outra pessoa. Eu sei por quê. Esse sujeito acaba sendo a personificação daquilo que meu pai tentou com tanto esforço esconder de mim e dele mesmo. Representa toda a desilusão e a doença triste, vinda da tristeza, que sofreu meu pai. E eu estaria disposta a trocar tapas com esse tipo de pessoa, defendendo todo esse castelo de areia que foi construído e que o mar, o vento, a chuva, o tempo desfizeram levando junto o construtor.

Tenho que ficar aqui sentado... vou ficar aqui sentado.

Bem aqui, embaixo dessa marquise.

Não tenho como sair, andar.

Essa chuva começou, e, posso ver, tão cedo não pára.

Sou um homem da rua, se me molho, fico úmido por muito tempo. Se ficar doente, não tenho nada, nem ninguém, somente solidão e talvez, na melhor das hipóteses, a morte.

Eu ia acabar sofrendo a doença sem cuidados, a solidão sem apego e nenhuma morte viria me salvar.

Tenho medo dessa chuva de agora. Ela vai durar muitos dias.

Eu tinha outra muda de roupas que joguei um dia em um lugar alto para que ninguém pudesse roubá-

la, ou, bem mais provável jogar no lixo, mas isso no meu caso também seria roubo.

Joguei meu cobertor junto. Aquele que passaram dando num inverno qualquer.

Joguei tão alto, que estão lá até hoje.

Com medo de perdê-las, acabei ficando sem elas.

Fiquei com muita raiva de mim mesmo, me achei um idiota.

O tempo passou e às vezes, quando passo por aquele lugar, olho pra cima e hoje enxergo aquelas roupas enganchadas como arte.

São os quadros que fiz e pendurei no mundo.

Talvez alguém perceba também, ache bonito e tire um retrato. E aí, não seria errado dizer, de certa forma, lembrariam de mim.

Não, não nasci na rua.

Tive casa, tive família.

Com medo de perdê-la, acabei ficando sozinho.

Sempre achei mesmo que cobertor e família eram parecidos.

Penso demais. Não paro de pensar nenhum segundo.

Quem poderia agüentar isso?

Era mais fácil acharem que sou louco...nem sei direito o que é loucura.

Talvez eu pense mesmo demais, talvez eu seja louco.

Mas saí, saí andando e ninguém veio atrás.

Ninguém me chamou pra voltar dizendo que sentiria minha falta, dizendo que não poderia viver sem mim.

Então continuei andando.

Um dia voltei só pra dar uma espiada.

As pessoas eram outras, sumiram no mundo sem

deixar mensagem.

*Tentei ter um cachorro pra me fazer companhia,
mas ele encontrou alguém que lhe dava mais comida
e um cobertor próprio, onde ele podia deitar.*

Não fiquei chateado não.

*Às vezes é mais fácil ser cachorro. Sem dono,
sem destino, só vivendo cada dia sem nenhuma
responsabilidade. Não precisam nem de roupa, nem
de sapatos.*

Meu sapato está furado.

Mais um motivo pra eu não andar nessa chuva.

*Meu pé ficaria frio demais. Isso deve atrair má
sorte.*

*Tenho que cuidar muito dos meus pés. Eles são
minha casa.*

No calor também não é bom. O sol também machuca.

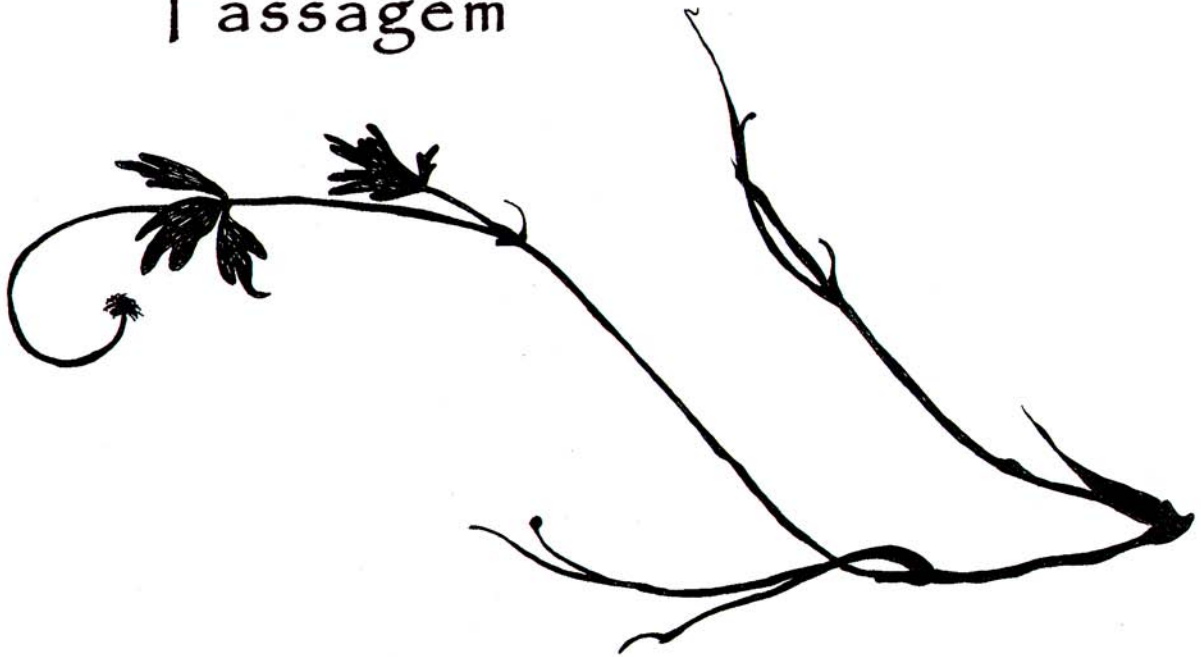
Mas pra ele existem as sombras.

Pra chuva existem as marquises.

*E pra mim... existe?*¹⁶

16. Publicada no cd
Sarau da Cooperifa,
finaciado pelo Itaú
Cultural, 2006

Passagem



Trechos de O Livro da Ignorãças

de Manuel de Barros¹⁷

IX

Para entrar em estado de árvore é preciso partir
de um torpor animal de lagarto às três horas
da tarde, no mês de agosto.

Em dois anos a inércia e o mato vão crescer em nossa
boca.

Sofreremos alguma decomposição lírica até o mato
sair na voz.

Hoje eu desenho o cheiro das árvores.

¹⁷. BARROS, Manuel de.
O Livro da Ignorãças.
Rio de Janeiro: Editora
Record, 2001

XIII

Estou atravessando um período de árvore.

O chão tem gula de meu olho por motivo que meu
olho tem escórias de árvore.

O chão deseja meu olho vazado pra fazer parte do
cisco que se acumula debaixo das árvores.

O chão tem gula de meu olho por motivo que meu
olho possui um coisário de nadeiras.

O chão tem gula de meu olho pelo mesmo motivo
que ele tem gula por pregos por latas por folhas.

A gula do chão vai comer meu olho.

No meu morrer tem uma dor de árvore.



Bilhete. Foto: Gui Galembeck

OS BROTONS

Repetir repetir - até ficar diferente.

Repetir é um dom do estilo.

*Manuel de Barros*¹⁸

Um outro que tentasse dizer sobre essa criação a partir de minha biografia acabaria desenvolvendo uma pesquisa superficial, na medida em que enxergaria só a casca de tudo, ao mesmo tempo em que reduziria essas obras à minha vida comum. Quantas de mim foram necessárias para dizer isso tudo, que ainda é tão pouco em relação a toda vida desses brotos que vejo surgir? Eu mesma tento aqui compreender esses *outros eus* que produziram cada uma dessas coisas, objetivo que só pode ser possível alcançar nesses mergulhos internos profundos em que, tampando a respiração, vejo passar com aquele típico movimento das coisas submersas - lento, girando,

¹⁸. BARROS< Manuel de. (2002) Op. Cit. p.11

mostrando tantos lados - essas cenas, memórias, imagens, pessoas de que falei até então. Passados que flutuam por mim. Por quê? Por que essas coisas ao invés de outras? Eu própria busco (re)criar-me para compreender. E nesse próprio ato já me modifico de novo e de novo.

Dessas raízes crescem meus galhos. Vento - vozes - e as folhas balançam. Uma folha se desapega do galho - exílio - e cai. Rodopia no ar, alcança o chão - raiz. Essa paisagem foi tomando força em todas as minhas criações nos últimos anos. A primeira vez, quando realizei um vídeo juntando duas coisas: sensações evocadas pelo conto de Urbano Tavares Rodrigues *As Horas Magnificadas*¹⁹ e a imagem de uma pequena folha de eucalipto, que vi um dia da janela do carro em uma viagem, rodopiando ao vento, permanecendo no ar, na queda, por muito tempo. Na época a impressão que tive foi que aquela folha caiu para mim. A

¹⁹.
RODRIGUES,
Urbano Tavares
(1987) op.cit.

queda vista como ascensão. Renovação. Aquela folha de eucalipto era o Tempo.

Mesmo depois de realizado esse vídeo, de refletir, de perceber, trazer para a consciência muitas coisas sobre essa imagem, sua força continuou em mim. Na verdade, nunca consegui dar conta de tudo o que é evocado por ela.

O poder extraordinário dos símbolos... objetos perdidos que encontram sentidos que escapam sempre de ser nomeados, julgados e ainda assim, dizem tanto mais, vão me levando por esse caminho que trilho procurando reencontrá-los. E quando pareço tê-los compreendido, eles estão novamente embrenhados, brotando no meio da minha criação, querendo dizer mais. A imagem em si desse ciclo da natureza, das plantas, árvores e da queda solitária das folhas, que no solo se decompõem e tornando-se adubo, são reabsorvidas pela raiz novamente - os brotos.

Descubro uma continuação, uma retomada, uma repetição? E por isso, incluo aqui esse vídeo que realizei antes, *Folhas de árvore contra o céu*²⁰; para poder, assim, apresentar essa tríade da folha como três elegias.

Isso começou com o conto de Urbano Tavares Rodrigues que despertou em mim sensações, que fizeram visualizar e surgir imagens e sentimentos. Estavam ali esperando essa oportunidade de explodir, como o magma subterrâneo do mundo. Ocupei os espaços vazios do conto com minhas referências, aquilo que precisava ganhar esse espaço e também o tempo. Já não cabiam dentro de mim.

Esse conto me tocou e acredito profundamente ter sido escolhida por ele, e não o contrário.

20. Esse vídeo foi realizado em 2002, e é parte integrante da dissertação de Mestrado. Por esse motivo, somente o vídeo é apresentado no dvd. O conto e o roteiro não se encontram nessa Tese. Ver: SEKI, Célia Harumi. *As Horas Magnificadas: o processo de criação artística*. Dissertações do Programa de Pós- Graduação em Multimeios- IA/ Unicamp, 2003

(Tenho essa mania de caminhar pela biblioteca e deixar o livro me escolher. Pela capa, pelo nome, pelo lugar, passo os olhos pelas estantes, e de repente algo me chama a atenção, tiro o livro da estante e o folheio, sempre deu certo. *Viamorolência* é um livro pequeno. Estava amassado no meio dos outros, fininho, tímido. Rio-me lembrando também que devido às minhas pesquisas na área de antropologia com a comunidade portuguesa em São Paulo, eu já conhecia o irmão de Urbano Tavares Rodrigues, Miguel Urbano. E depois da escolha do conto é que, conversando com um amigo, descobri o parentesco. Essa vida é mesmo cheia de estranhezas. Mandeí uma carta para Urbano uma vez. Agradecia.)

Escrevi e gravei esse roteiro, um pequeno vídeo, simples, um haicai, tão forte para mim. Uma história sobre um homem que caminha por um bosque de eucaliptos e vê uma folha vermelha no chão. Ele pega aquela folha que, diferente de todas as outras, traz à tona as lembranças daquela moça: sua boca, seus olhos, a intimidade. O barulho do trovão o desliga dessa lembrança e ele se afasta deixando a folha cair.

Esse vídeo criou para mim um marco. Somente ao realizá-lo entendi, como uma verdade minha, o que consistia o processo de (re)criação de um texto literário para o audiovisual e, assim, esse processo deixou de ser uma prática a ser pesquisada e tornou-se parte de mim.

Nessa nova etapa, escolhi primeiro o tema com que iria trabalhar, e esse fato causou grande modificação inicial em relação à minha experiência anterior. Tendo escolhido um tema, precisava encontrar um texto a ele relacionado. E procurei, procurei, como procurei! Durante muito tempo, não encontrei nada que pudesse encher meu coração e que, ao mesmo tempo, se unisse ao tema escolhido. Queria escrever sobre ele, falar sobre meu pai, sua morte, seu exílio e o meu. O silêncio... estações que se passaram internamente. Minha atenção voltou-se para o que é externo, e, mesmo quando tentei olhar para dentro, só a escuridão me recebia.

Em 2005, a partir de bens recebidos através de um prêmio conquistado pelo vídeo digital chamado “Brincando de Gente Grande”²¹, e também de esforços, investimentos pessoais e de uma grande equipe (em

21. Brincando de Gente Grande” foi realizado em conjunto com Alessandra Brum e ganhou, dentre outros, um prêmio importante no 3º Festival Nacional de Cinema e Vídeo Ambiental (ECOCINE) na categoria “melhor vídeo” com tema ligado à água. Este prêmio consistia de uma quantia em dinheiro, 10 latas de filme 16mm da Kodak do Brasil e um valor em aluguel de equipamentos de iluminação da empresa Quanta de equipamentos cinematográficos.

número e qualidade) inteiramente voluntária, realizei o curta-metragem *Histórias de Concreto*. Essa história quase não foi possível, pois para realizá-la eu tinha um poema e um roteiro inacabado, e tinha também um prazo curto²². Escrevi as idéias iniciais desse roteiro em meio a um mundo totalmente novo, leituras de muitos textos teóricos e poéticos, quadrinhos. Muitas imagens surgiram a partir das Páginas do livro do Desassossego de Bernardo Soares (ver página 179), muitas dos quadrinhos que admiro tanto de Lourenço Mutarelli²³. Não posso rastrear ao certo a origem. Mas a esse rascunho de roteiro faltava alguma coisa. Eu não estava satisfeita com ele. Em meio aos meus escritos, encontrei um poema, e pouco a pouco fui modificando, simplificando, desatando os nós que eu mesma havia criado e finalizei o roteiro *Histórias de Concreto*.

22. Tínhamos o prazo de um ano para utilizar esse prêmio. Nesse caso, um ano foi um tempo muito curto. De repente tínhamos que iniciar a produção ou perderíamos as latas e a locação de equipamentos de luz, mas não era só isso, perderíamos também a oportunidade. Dividimos o prêmio e cada uma faria um curta-metragem. Desde o começo, tinha pensado em realizar uma produção que estivesse ligada à minha pesquisa de doutorado, mas sem ter encontrado ainda o texto, como eu poderia resolver essa questão?

23. MUTARELLI, Lourenço. Transubstanciação. 1ª edição. São Paulo: Dealer, 1991.

passei a noite ouvindo passos que não
chegaram

a vida inteira passou, abandonos

essas paredes todas, essas masmorras

os vícios nos levando para onde não
enxergamos

ossos se quebraram com a força

do desespero de nada ver realizado

corto meu corpo pra escapar da distância

o sangue consegue fugir –

folha seca que se desapega

esperança

a mão não desenha o traço

Silêncio maior que a fala

(ela me chama agora)

a destreza de cair para voltar a subir

(ela me chama)

Esta é uma história sobre o afastamento que se torna uma doença, sobre um exílio entre quatro paredes e, talvez, sobre alguma esperança. Aqui o retrato de um homem que tenta sempre desenhar uma folha que cai de uma árvore, e nunca consegue terminar o desenho, assim como ele não consegue se libertar dessas amarras que o prenderam nesse estado, nesse quarto. Como um disco riscado, pulando sempre de volta ao mesmo lugar, sua história fica estagnada esperando que algo aconteça. “As coisas só poder ir em frente.” E, assim como o movimento da natureza, tudo acontece em ciclos nessa história, o Homem é a própria folha.

Por causa das dificuldades de uma

produção independente em película no Brasil - os altos custos de tudo o que envolve esse tipo de realização, tanto na fase de produção como na fase de pós-produção - esse curta-metragem levou dois anos para ser parcialmente finalizado em formato digital. O que apresento aqui é uma versão. Acostumada a realizar minhas produções em vídeo, a experiência da película foi ao mesmo tempo rica e frustrante. Ambivalências...

Essas poderiam ser as duas únicas produções audiovisuais apresentadas nessa tese. Mas, quando já estava acostumando-me com esse horizonte, fui encontrada por um texto. Na hora certa? Não sei, mas foi a tempo. Um amigo me emprestou esse livro de Sam Sheppard²⁴ e, em meio à leitura, encontrei o que eu tanto procurei. Esse conto (ver página 183) pequeno e simples trouxe uma sensação poderosa sobre essa busca de que tento falar. E o que imaginei a partir da leitura foi: a procura de lugares ou

24. Agradeço ao amigo Sérgio Puccini pelo empréstimo do livro. SHEPPARD, Sam. (1982) Op. Cit.

peessoas para poder neles depositar afetos que ficaram sem onde. Essa tentativa de querer preenchido esse abismo, ao ponto de achar que se pode completá-lo com uma imagem roubada. Então, num súbito, o entendimento de que a memória pessoal é o único meio de tentar reencontrar o continente onde foram depositados esses afetos. A imagem roubada é lançada ao vento, e esse desapego desperta lembranças. Esse último vídeo é tão importante para mim, e é o último dessa tríade que apresento. Nele consegui, pela primeira vez, assumir o personagem feminino: liberdade.

O que posso dizer sobre o caminho trilhado por esses personagens? Um homem que caminha por um lugar que aciona sua memória e uma pessoa de seu passado reaparece. Ele simplesmente sente, suas ações acontecem, ele se lembra quando lembranças aparecem e se vai quando tem que ir. Outro Homem: esse se desespera. Ele mesmo

é esse conflito, como uma ostra, tudo se passa do lado de dentro e, em sonhos, ele é avisado por mulheres que não se identificam, sobre o Tempo, e a Duração, que nunca voltam atrás. Outro sonho traz um Barqueiro que se despede da Menina. Ele se vai e ela fica. A Moça que sonha tenta reencontrar essa intimidade forçosamente, mas entende, em tempo, sobre o desapego essencial em que coisas devem se perder, e se perdem.

De onde surgem essas figuras, essas histórias, esses fantasmas? Eles surgem a partir da morte? Da ausência? Do desencontro? Não sei, apesar de tentar entender. Mas, se tivesse obrigatoriamente que responder algo, eu diria: é do amor.

E, se ainda me perguntam, assim como eu mesma me pergunto: por que, ao me propor registrar o

processo de criação, eu me pego escrevendo sobre o pai, sobre a infância, sobre essa ausência? Só posso dizer que a resposta está nos pequenos detalhes, e, para além, nas invisibilidades.



LIÇÃO²⁵

Leio-me tão cegamente
que às vezes penso escrever
a biografia de um desconhecido...

palavras de verdade vindo
de um alfabeto fictício
vejo-me melhor espelhado
num papel do que no vidro
– repartir cabeças
em número igual de paixões
olhar pro sol e receber trovões
Receber respostas novas
descobrir-se morto e
irressuscitável
banhado a goles de visões –
meu espírito a farejar
o inabitado
o ex-sangue de uma idéia
se por demais certa é pior que fixa
é dura, concreta: finda.

25. in: BESO, Marcelo.
Juventude Supersônica.
(no prelo)

- e mesmo que de longe ecoe,
e mesmo que estranha ainda,
o insubstituível nasce sempre
pra azar dos vivos-occos
pra paz dos loucos
(meu irmão é meu pai e é outro
fui aquele que não souberam experimentar
ofendido no peito de gigante pequeno
Par ou ímpar?
Ímpar!
par...)

A partida esquecida
passo escuro tão perto
tão curto foi o passado
deserto não mais aberto, me afundo
no universo de cabeça pra baixo que recebo seco
- Dê-me mais brilho e aquecerei teu olho!

...pensamentos são vingança de um sentimento torto
sedento dos desejos de meu desprezo imenso...

dê-me mais brilho e aquecerei teu olho.

ROTEIROS



A coruja. Fotografia Gui Galembeck

HISTÓRIAS DE CONCRETO

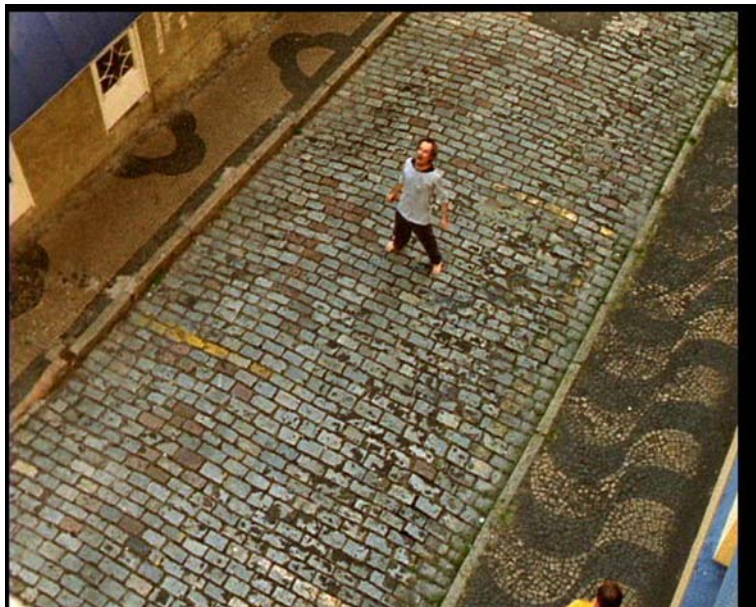
argumento

Cidade grande, barulho, fragmentação. Um homem acorda. Ele passa um longo tempo sentado na beira de sua cama com o olhar vazio. Esse homem está tendo um tipo de crise psicológica, ele sofre de misantropia, faz meses que não sai de sua quitinete. Ele parece ter o dom do desenho, mas estranhamente desenha sempre a mesma cena: árvores e folhas caindo. No entanto, sempre que começa a desenhar vem à sua mente a sensação de estar em um balanço amarrado em uma árvore, mas nunca consegue saber se essa é uma lembrança sua ou apenas uma imaginação, e finalmente abandona estes desenhos que estão espalhados pelo local, repetitivos. Ele mesmo se sente uma folha seca, que não pertence

mais à árvore. Sente-se um exilado, que perdeu tudo e já não tem o que abraçar. No momento em que percebe que tudo o leva ao suicídio, tenta com muito esforço mudar o rumo das coisas, saindo de sua casa e descendo as escadas, mas ao chegar na rua não consegue mais enxergar as pessoas, apesar de estarem ali normalmente. Isso o põe em desespero.

Em seu tormento, o homem se depara com os motivos de sua doença, sua descrença nas pessoas e em si mesmo, e, vendo-se sozinho no mundo, é invadido por enorme pânico e acaba voltando à sua quitinete, onde chora copiosamente até adormecer, olhando seu desenho inacabado. Ele sonha. Em seu sonho, ele conversa com uma mulher que parece conhecer, e ela, dividindo-se em duas personalidades, diz coisas que ele não tem conseguido entender. Ele foge e acaba encontrando-se com uma estranha alegoria que lhe entrega um bilhete, e sem que se possa ler o que está

escrito, o sonho termina, e a cidade amanhece. O homem está sentado à beira de sua cama, mas, dessa vez, seu olhar está diferente, indicando que muitas coisas foram reveladas. O destino desse homem não ficará claro, apenas o desejo de mudar.



ROTEIRO

CURTA METRAGEM: HISTÓRIAS DE CONCRETO

Autora: Célia Harumi Seki

1. EXT/RUAS DA CIDADE/GARI/DIA

O Gari aproxima-se com seu carrinho e sua vassoura e, um pouco mais à frente, ele pára e começa a varrer a calçada da avenida.

2. INT. QUITINETE/ HOMEM/DIA

Plano-seqüência lento mostrando uma quitinete. Essa quitinete está bastante bagunçada e empoeirada. Alguns livros jogados, outros abertos, discos e fitas empilhados, muitos cinzeiros cheios, maços de cigarros amassados pelo ambiente. Existem muitos papéis espalhados pela mesa, alguns caídos no chão, e nota-se que aqueles que não estão em branco têm sempre um desenho parecido de árvore. Os objetos maiores são somente os essenciais: uma mesa, uma cadeira, uma estante, uma cama.

3. INT. QUITINETE/ HOMEM/DIA

O HOMEM está sentado na beira da cama olhando para o nada durante um longo tempo.

Estica a mão, pega uma bituca de cigarro no cinzeiro e acende com fósforo. Fuma olhando um papel com desenho inacabado de árvore que está ali perto dos seus pés.

Apaga o cigarro em um cinzeiro e escorrega para o chão alcançando o papel para continuar o desenho. Esse desenho começado só tem os galhos de uma árvore e ele começa a desenhar as folhas.

4. EXT. ÁRVORE/HOMEM/DIA

Câmera subjetiva de alguém que vai e vem em um balanço amarrado a uma árvore.

Câmera mostra o Homem que está no chão e olha o balanço vazio. Algumas folhas dessa árvore caem.

5. INT. QUITINETE/ HOMEM/DIA

O Homem está parado olhando para o desenho; como que saindo de

um transe ele deixa o desenho de lado.

Olha à sua volta e um pequeno espelho lhe chama a atenção. Estica-se para pegá-lo.

Ele então fala olhando para o espelho:

HOMEM

As folhas não param de cair

REFLEXO DO HOMEM (VOZ OFF)

Eu só vejo você

HOMEM

Tem razão.... me sinto uma folha seca, que
não pertence mais à árvore.

O Homem fica alguns segundos em silêncio olhando para o espelho.

Então fala:

HOMEM

Seu rosto mudou... parece mais velho, mais
triste. Sinto desânimo também...angústia...
e....

REFLEXO DO HOMEM

Quer saber o caminho da felicidade?

O homem olha mais seriamente para o espelho.

REFLEXO DO HOMEM (VOZ OFF)

Qualquer veia do seu corpo.

O Homem vê seu reflexo passando uma navalha pelo rosto, mas sem encostar, somente simulando a ação. O Homem muda sua expressão que agora é de alguém que descobriu algo. Fica ansioso.

Deixa o espelho de lado e se levanta. Caminha para lá e para cá, se depara com uma navalha que está em cima da mesa, começa a caminhar em direção a ela, tremendo, mas quando chega perto se desvia e caminha até a porta olhando para a maçaneta, hesita. Estica a mão e a encosta na maçaneta, girando-a com dificuldade e muito devagar e enfim abre a porta.

6. INT/ CORREDOR DO PRÉDIO/ ESCADAS/HOMEM/DIA

O Homem caminha pelo corredor cambaleando. Começa a descer as escadas com a expressão de vertigem. Chega ao térreo e vai aproximando-se da porta de entrada/saída do prédio.

7. EXT/RUA/HOMEM/DIA

O Homem sai pela porta do prédio e pára no meio da calçada. O Homem olha em volta e não vê nem ouve as pessoas que caminham por ali. A câmera é usada do ponto de vista subjetivo do homem.

8. EXT/RUA/HOMEM/DIA

O movimento é normal no local. Pessoas passam por ali. Bem no meio da calçada está o Homem. Ele olha em volta com uma aparência de transtorno, vira-se para lá e para cá. Ele fica sussurrando, falando sozinho.

HOMEM

Cadê todo mundo?..... Levaram todo mundo?

Várias pessoas que estão passando por ali olham para ele com curiosidade. Ao se aproximar do Homem desviam-se dele. Ele continua da mesma forma, olhando em volta através das pessoas.

HOMEM

....Quero tudo de volta, tudo... não posso tentar de novo? Minhas veias estão no meu corpo.... cadê todo mundo? Ela levou tudo.... traz de volta! Traz de volta!

E continua sussurrando, falando, às vezes gritando frases. Ainda para o Homem está um grande silêncio e tudo está deserto. Ele grita:

HOMEM

Ahhhhhhhhhhh!!!

9. INT/ QUITINETE/ HOMEM/DIA

A porta da quitinete se fecha com força. O Homem está alterado. Ele chora e derruba as coisas da mesa, joga o copo e os livros e cai no chão estafado, ofegante. Ele se vira de lado e, ainda chorando, vê que o desenho está ali. Ele pega esse desenho e fica olhando para ele, vai se tranquilizando, sua respiração fica mais calma. Ele fecha os olhos ainda chorando.

10. EXT/ PAISAGEM/ SONHO DO HOMEM

O ambiente é claro e descampado e o Homem está andando por ali. De repente algo lhe chama atenção. Ele anda olhando para esse algo fixamente.

O que ele vê é o mesmo descampado, e tem uma poltrona no centro. Uma mulher (MULHER QUE RI) está sentada nessa poltrona. Ela olha para ele e se levanta, caminha para a direita. Imediatamente essa mesma Mulher (MULHER SÉRIA) está sentada na mesma poltrona enquanto a Mulher que Ri está parada à direita. A Mulher Séria se levanta e caminha para a esquerda. O Homem se aproxima e a Mulher

que Ri diz para ele:

MULHER

O que você esperava?

Ele responde:

HOMEM

Quero de volta o que te dei, fiquei vazio...

sem onde.... Estou exilado ...em mim mesmo.

Tudo parece estranho, não há nada que eu
possa abraçar.

A Mulher Séria diz com expressão séria

MULHER₂

As coisas só podem ir em frente.

E antes que ele possa falar qualquer coisa, elas dizem:

MULHER₁ E MULHER₂

A profundidade é a maior das alturas.

A mulher₁ olha para o Homem e ri exageradamente. A mulher₂ olha para o Homem com ódio.

Ele se assusta e corre.

Ele chega em um lugar e vê uma alegoria com uma máscara grande e quadrada e gravetos compridos grudados em suas mãos. A alegoria dança. Aproxima-se do Homem dançando e entrega a ele um bilhete. Não se pode ver o que está escrito. Pode se ver que é um papel antigo, amarelado e grosso.

11. EXT/CIDADE AMANHECENDO/

O sol nasce. Várias cenas de uma cidade amanhecendo. A quantidade de carros e o número de pessoas aumentando nas ruas. A mudança na luz que ilumina os prédios.

12. EXT/ DIA/ GARI

O Gari trabalha varrendo a mesma calçada do início da história. Varre folhas e junto com elas, varre também o bilhete que vimos sendo entregue ao Homem em seu sonho.

13. INT. QUITINETE/ HOMEM/DIA

O HOMEM está sentado na beira da cama olhando para o nada durante alguns minutos.

LIBERDADE

Argumento

Depois de ver um sonho estranho que lembra a morte do pai, uma moça caminha pelas ruas do bairro Liberdade de São Paulo tentando reencontrar elos de pertencimento com a cultura de seus ancestrais. Dentro de uma grande Instituição Japonesa, ela passeia pelo museu à procura de imagens, sons e objetos que preencham suas memórias. O que mais chama sua atenção, no entanto, é um pequeno quadro sem nenhum valor aparente que ela encontra na saída da Instituição, cuja imagem - uma pequena corredeira - lembra sua infância. Movida por um desejo interno de resgatar a memória de seu pai, de seus ancestrais e de sua própria infância, ela rouba o pequeno quadro e leva-o para casa. Lá, observando quieta o quadro, ela começa a ouvir o som de crianças brincando na água,

e, enquanto retira a imagem da moldura, percebe que essas imagens só podem ser encontradas em sua própria memória. Ela então retorna ao mesmo bairro e, de cima da ponte, deixa cair a imagem, libertando, assim, todas as memórias que brotam ...





ROTEIRO

Curta-metragem: liberdade

De Célia Harumi Seki

1. EXT/CEMITÉRIO/ÓRFÃ/DIA

Um cemitério vazio. A órfã está parada. Ela olha para uma lápide.

2. EXT/SONHO/LAGO/ÓRFÃ/HOMEM/DIA NUBLADO

Um barco a remo parte da margem e vai para algum lugar que não pode ser visto. A câmera está voltada para a margem. Pode se ver a paisagem se distanciando e a feição da órfã sentada de costas para a margem. Depois de um tempo, o barco pára. As duas pessoas que estão no barco descem. O lugar é estranho, onírico.

O Homem que remava diz:

É a hora e o lugar. Aqui você fica. Eu não sentiria saudade se você não ficasse.

O Homem que está com ela sai, entra no barco e vai embora. A órfã fica sozinha na beira do lago.

3. INT/QUARTO/GAROTA/DIA

A garota acorda.

4. EXT/RUAS DA LIBERDADE/GAROTA/DIA

Ela está andando pela rua. A câmera às vezes passa a ser subjetiva, mostrando o lugar, as pessoas, as lojas. A câmera mostra a garota andando pela rua novamente.

VOZ EM OFF DURANTE A AÇÃO:

É sempre ruim quando vejo esse sonho....

Esse lugar....

Aqui é onde mais percebo as fronteiras das coisas. Pelas ruas da Liberdade... me sinto mais longe dele estando mais perto. É quando me sinto pedaços perdidos desejando pertencer.

5. EXT/ LIBERDADE/GAROTA/DIA

Ela pára na frente de uma instituição japonesa que lhe chama atenção, então ela entra.

6. INT/ASSOCIAÇÃO/GAROTA/DIA

Dentro da instituição existe um museu de imigração japonesa, um museu de arte nipo-brasileiro, ela passeia por esses lugares. Na saída do prédio, uma imagem de um pequeno quadro chama sua atenção. É uma imagem simples, de algum lugar do Japão, uma pequena corredeira.

7. INT/ASSOCIAÇÃO/GAROTA/DIA

Ela passa um longo tempo olhando para esse quadro. De repente, ela olha para um lado e para outro e então retira o quadro da parede e sai correndo.

8. EXT/ LIBERDADE/GAROTA/DIA

Ela corre pelas ruas da liberdade com o quadro na mão.

9. INT/QUARTO/GAROTA/DIA

Ela olha para o quadro durante muito tempo. Ela ouve o barulho de crianças que brincam na beira do rio. Ela retira o pôster da moldura, olha atrás dele (está em branco), olha os cantos, analisa o pôster.

10. EXT/ LIBERDADE/GAROTA/DIA

Ela volta ao bairro da Liberdade com o pôster enrolado, caminha pela rua Galvão Bueno até a ponte que fica sobre a avenida, pára ali. Abre o pôster, observa durante algum tempo e então o solta de cima da ponte.

11. EXT/ LIBERDADE/GAROTA/DIA

Ela vai embora e passa por baixo do Torii.

12.IMAGENS DIVERSAS/EXT/INT/JAPÃO/PAISAGES

Enquanto ela vai embora, várias imagens surgem em fusão:

Paisagens, O Pai, o trem que sai da estação no Japão, cenas de danças folclóricas japonesas.



Making Of Histórias de Concreto
Fotografias de Gui Galembeck



Making of liberdade
Fotografias de Alessandra Brum

TEXTOS

Trecho do livro Páginas do livro do desassossego de Bernardo

Soares.

in: SOARES, Bernardo. Páginas
do livro do desassossego. Lisboa:
Livraria Civilização, 1995

“Cessar, dormir, substituir essa consciência intervalada por melhores coisas melancólicas ditas em segredo ao que me desconhecesse!... Cessar, passar fluido e ribeirinho, fluxo e refluxo de um mar vasto, em costas visíveis na noite em que verdadeiramente dormisse!... Cessar, ser incógnito e externo, movimento de ramos em áleas afastadas, ténue cair de folhas, conhecido no som mais que na queda, mar alto fino dos repuxos ao longe, e todo o indefinido dos parques na noite, perdidos entre emaranhamentos contínuos, labirintos naturais da treva!... Cessar, acabar finalmente, mas com sobrevivência traslata, ser a página de um livro, a madeixa de um cabelo solto, o oscilar de trepadeira ao pé da janela entreaberta, os passos sem importância no cascalho da curva, o último fumo alto da aldeia que adormece, o esquecimento do chicote do carroceiro à beira matutina do

caminho... O absurdo, a confusão, o apagamento - tudo o que não fosse a vida...

E durmo, a meu modo, sem sono nem repouso, esta vida vegetativa de suposição, e sob as minhas pálpebras sem sossego paira, como a espuma quieta de um mar sujo, o reflexo longínquo dos candeeiros mudos da rua.

Durmo e desdurmo.

Do outro lado de mim, lá para trás de onde jazo, o silêncio da casa toca no infinito. Oiço cair o tempo, gota a gota, e nenhuma gota que cai se ouve cair. Oprime-me fisicamente o coração físico a memória, reduzida a nada, de tudo quanto foi ou fui. Sinto a cabeça materialmente colocada na almofada em que a tenho fazendo vale. A pele da fronha tem com a minha pele contacto de gente na sombra. A própria orelha, sobre a qual me encosto, grava-se matematicamente contra o cérebro. Pestanejo de cansaço, e as minha pestanas fazem

um som pequeniníssimo, inaudível, na brancura sensível da almofada erguida. Respiro, suspirando, e a minha respiração acontece - não é minha. Sofro sem sentir nem pensar. O relógio da casa, lugar certo lá ao fundo das coisas, soa a meia hora seca e nula. Tudo é tanto, tudo é tão fundo, tudo é tão negro e tão frio!

Passo tempos, passo silêncios, mundos sem forma passam por mim.

Subitamente, como uma criança do Mistério, um galo canta sem saber da noite. Posso dormir porque é manhã em mim. E sinto a minha boca sorrir, deslocando levemente as pregas moles da franha que me prendo o rosto. Posso deixar-me à vida, posso dormir, posso ignorar-me... E, através do sono novo que me escurece, ou lembro o galo que cantou, ou é ele, deveras, que canta segunda vez.

Viver é ser um outro. Nem sentir é possível se hoje se sente como ontem se sentiu: sentir hoje o mesmo que ontem não é sentir - é lembrar hoje o que se sentiu ontem, ser hoje o cadáver vivo do que ontem foi

a vida perdida.

Apagar tudo do quadro de um dia para outro, ser novo com cada nova madrugada, numa revirginidade perpétua de emoção - isto, e só isto, vale a pena ser ou ter, para ser ou ter o que imperfeitamente somos.

Esta madrugada é a primeira do mundo. Nunca esta cor rosa amarelecendo para branco quente pousou assim na face com que a casaria de oeste encara cheia de olhos vidrados o silêncio que vem na luz crescente. Nunca houve esta hora, nem esta luz, nem este meu ser. Amanhã o que for será outra coisa, e o que eu vir será visto por olhos recompostos, cheios de uma nova visão.”

Conto de Sam Sheppard *In: Crônicas de Motel (Motel Chronicles, 1982).*

Trad Bettina Becker. L&PM Editores Ltda. Porto Alegre, 1984. 169 p.

“Nunca tão longe custou tão perto”

César Vallejo

Tentou roubar uma cópia absolutamente sem valor de um Algodoeiro retorcido numa paisagem deserta e seca do Hotel Chateau Marmont no Sunset Boulevard.

Pegaram-no com ela no estacionamento, jogando-a no bagageiro da caminhonete.

Quando lhe perguntaram por que, respondeu que não tinha certeza.

Disse que lhe dava essa sensação.

Disse que via a si próprio dentro desse quadro, deitado de costas, embaixo do Algodoeiro.

Disse que reconhecia a árvore de um velho sonho e que o sonho era baseado numa árvore real da qual se lembrava vagamente, de muito tempo atrás, na sua infância.

Lembrava-se de deitar embaixo da árvore e contemplar as folhas prateadas.

Lembrava-se das vozes daquelas folhas, mas não conseguia lembrar o que as vozes diziam ou a quem pertenciam.

Disse que esperava que o quadro o relembrasse de tudo.

25/7/81

Hollywood, California

FILMOGRAFIA

Diretor. Título. País, ano de lançamento.

ADLON, Percy. *Bagdad Café (Bagdá Café)*. Alemanha, 1988.

AÏNOUZ, Karim. *O céu de Sueli*. Brasil, 2006.

ALEA, Tomás Gutiérrez e TABÍO, Juan Carlos.

Guantanamera. Cuba, 1995.

ANNAUD, Jean-Jacques. *L'Amant (O Amante)*. Inglaterra/

França, 1991.

BEINEIX, Jean-Jacques. *Betty Blue*. França, 1986.

BERGMAN, Ingman. *Persona (Quando Duas Mulheres*

Pecam). Suécia, 1965.

_____. *(Såsom I En Spegel) Através de um*

Espelho. Suécia, 1961.

_____. *Tystnaden (Silêncio)*. Suécia, 1962.

_____. *Nattvardsgästerna (Luz de Inverno)*.

Suécia, 1962.

BRANT, Beto. *O Invasor*. Brasil, 2001.

BURTON, Tim. *Big Fish (Peixe Grande e Suas Histórias Maravilhosas)*. EUA, 2003.

_____. *Vincent*. EUA, 1982.

_____. *Edward Scissorhands (Edward Mãos de Tesoura)*. EUA, 1990.

CARAX, Leos. *Lês Amants du Punt-Neuf (Os Amantes du Pont-Neuf)*. França, 1991.

CARVALHO, Luiz Fernando. *Lavoura Arcaica*. Brasil, 2001.

COPPOLA, Francis Ford. *Apocalyspe now*. EUA, 1979.

COPPOLA, Sofia. *Lost in Translation (Encontros e Desencontros)*. EUA, 2003.

DAVAA, Byambasuren e FALORNI, Luigi. *Die Geschichte vom Weinenden Kame (Os Camelos Também Choram)*. Alemanha/ Mongólia, 2004.

FERRERI, Marco. *Tale of Ordinary Madness (Crônica de um Amor Louco)*. EUA/ França/ Itália, 1981.

GONZÁLEZ-IÑÁRRITU, Alejandro. *Amores Perros (Amores Brutos)*. México, 2000.

HAMER, Bent. *Factotum*. EUA/ Noruega, 2005.

HARTLEY, Hall. *Trust (Confiança)*. EUA, 1990.

HILCOAT, John. *The Proposition (A Proposta)*. Austrália/ EUA, 2005.

JEUNET, Jena-Pierre, e CARO, Marc. *La Cité Des Enfants Perdus (Ladrão de Sonhos)*. Espanha/ França/ Alemanha, 1995.

_____. *Le Fabuleux Destin d'Amélie Poulain (O Fabuloso Destino da Amélie Poulain)*. França, 2001.

JARMUSCH, Jim. *Down By Law (Daunbailó)*. EUA, 1986.

_____. *Dead Man*. EUA, 1995.

KASSOVITZ, Mathieu. *La Haine (O Ódio)*. França,

1995.

KITANO, Takeshi. *Dolls* . Japão, 2002.

_____. *Hana-Bi (Fogos de Artifício)*. Japão,

1997.

KOREEDA, Hirokazu. *Dare Mo Shiranai (Ninguém pode saber)*. Japão, 2004.

KUROSAWA, Akira. *Yume (Sonhos)*. Japão, 1990

_____. *Ran*. Japão/França, 1985.

_____. *Dersu Uzala*. Rússia/Japão, 1975.

_____. *Do desu ka den (Dodeskaden -O Caminho da Vida)*, Japão, 1970.

LAUZÓN, Jean-Claude. *Leolo* . Canadá, 1992.

LYNCH, David. *Lost Highway (Estrada Perdida)*. EUA, 1997.

_____. *The Grandmother*. EUA, 1970.

MING-LIANG, Tsai. *He Liu (O Rio)*. Taiwan, 1997.

MIYAZAKI, Hayao. *Sen to Chihiro No Kamikakushi* (A Viagem de Chihiro). Japão, 2001.

_____. *Tenkû no shiro Rapyuta* (Laputa: Castle in the Sky), Japão, 1986.

_____. *Tonari no Totoro* (Meu vizinho Totoro). Japão, 1988.

_____. *Majo no takkyûbin* (Serviço de Entrega Kiki). Japão, 1989.

MURAKAMI, Ryu. *Tokyo Decadence* (Tóquio em Decadência). Japão, 1992

OTOMO, Katsuhiro. *AKIRA*. Japão: Toho, 1988.

SANT, Gus Van. *Drugstore Cowboy*. EUA, 1989.

SCOTT, Ridley. *Blade Runner*. USA, Warner Brothers, 1982.

TARKOWSKI, Andrei. *Nostalghia*. França, Itália, Rússia, 1983.

_____. *Andrei Rublev* . URSS, 1966.

_____. *Stalker*. URSS, 1979.

TSUKAMOTO, Shinya. *Tetsuo*. Japão, 1989.

WAI, Wong-Kar. *Duoluo Tianshi (Anjos Caídos)*. Hong-Kong, 1995.

_____. 2046. China / Hong Kong / França / Alemanha, 2004.

_____. *Cheun gwong tsa sit (Felizes Juntos)*. HongKong/Argentina, 1997.

_____. *Fa yeung nin wa (In The Mood For Love - Amor à Flor da Pele)*. China, 2000.

WENDERS, Win. *Tokyo Ga*. EUA/Alemanha, 1985.

YIMOU, Zhang. *Wo de fu qin mu qin (O Caminho para Casa)*. China, 2000.

ZHOU, Sun. *Zhou Yu's Train (O Trem de Zhou Yu)*. China, 2004.

BIBLIOGRAFIA

AUSTER, Paul. *A Invenção da Solidão*. São Paulo:

Companhia das Letras, 2004.

_____. *A musica do acaso*. São Paulo: Circulo do

Livro, 1990.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo:

Martins Fontes, 1992.

_____. *O Direito de Sonhar*. Rio de Janeiro:

Editora Bertrand Brasil, 1991.

_____. *O Ar e os Sonhos*. São Paulo: Martins

Fontes, 1990.

_____. *A Água e os Sonhos*. São Paulo: Martins

Fontes, 1998.

_____. *A Chama de uma Vela*. Rio de Janeiro:

Editora Bertrand Brasil, 1989.

BARROS, Manuel de. *O Livro da Ignoranças*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

_____. *O Guardador de Águas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

_____. *Gramática Expositiva do Chão*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

_____. *Matéria de Poesia*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

_____. *Livro de Pré-Coisas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

_____. *Arranjos Para Assobio*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

_____. *Ensaio Fotográficos*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

_____. *Concerto a Céu Aberto Para Solos de Ave*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

_____. *Memórias Inventadas*. São Paulo: Editora Palenta do Brasil, 2003.

BERGMAN, Ingmar. *Imagens*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BERGSON, Henri. *A Evolução Criadora*. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1964.

_____. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BROOK, Peter. *O Teatro e seu Espaço*. Trad. Oscar Araripe e Tessy Calado. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1970.

CAMPOS, Haroldo de (org). *Ideograma: Lógica, Poesia, Linguagem*. São Paulo: Cultrix e Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. Lisboa: Edição Livros do Brasil.

_____. *O Exílio e o Reino*. Rio de Janeiro: Editora

Record, 1957.

_____. *O Estrangeiro*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1957.

CAROTENUTO, Aldo. *Eros e Pathos: amor e sofrimento*. São Paulo: Ed Paulus,

CROCCE, Benedetto. *Breviário de Estética*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

DJIAN, Philippe. *Betty Blue*. São Paulo: Scritta Oficina Editorial, 1991.

DODGE, Jim. *Fup*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
4ª edição

ECO, Umberto. *Os Limites da Interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 1995

_____. *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. *Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

EHRENZWEIG, Anton. *A Ordem Oculta da Arte*, Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

FENG, Yao. *Faraway Song*. Walt Whitman Publishing House, 2004.

FELDMAN-BIANCO, Bela. “Multiple Layers of Time and Space: The Construction of Class, Ethnicity, and Nationalism among Portuguese Immigrants” in Glick Schiller et al., *Towards a Transnational Perspective on Migration: Race, Class, Ethnicity, and Nationalism Reconsidered*. New York: New York Academy of Sciences. vol 645, 1992.

_____ “(Re)construindo a Saudade portuguesa em vídeo: Histórias orais, artefactos visuais e a tradução de códigos culturais na pesquisa etnográfica” in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n 45, 1996.

ISER, Wolfgang. *O Ato da Leitura: Uma teoria do efeito Estético*. Vol 1 e Vol 2. Trad. Johannes Ktetschmer. São

Paulo: Editora 34, 1996.

_____. *Teoria da Recepção: Reação a uma circunstância histórica*. Rio de Janeiro: UERJ, 1992.

JUNG, Carl.G. *O Espírito na Arte e na Ciência*. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. *O Homem e Seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

_____. *A dinâmica do Inconsciente*.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nos mesmos*. Rio de Janeiro : Rocco, 1994

KOLTAI Caterina (org.). *O estrangeiro*. São Paulo : Escuta : FAPESP, 1998

LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. São Paulo: Círculo do Livro, 1973.

MARGARIDO, Alfredo. *Doze Jovens Poetas Portugueses*.

MILÁN, Eduardo. *Crítica de um Extranjero em Defesa de um Sueño*. Madrid: Huerga Y Fierro editores, 2006.

MUTARELLI, Lourenço. *Como Transformar uma idéia em um roteiro de História em Quadrinhos*. (no prelo)

NASSAR, Raduan. *Lavoura Arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ONG, Walter. *Oralidade e Cultura Escrita: A Tecnologização da Palavra*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus Editora, 1998.

PASSOS, Antonio Fernando da Conceição. *Trem de Imagens*, Campinas, 1997.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do Conto*. Lisboa: Vega-Universidade, 1978.

PROUST, Marcel. *Sobre a Leitura*. São Paulo: Veja Passagens, 1998.

RODRIGUES, Urbano Tavares. *Viamorolência: Novelas e Contos*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1987.

ROGERS, Carl. Por Uma Teoria da Criatividade in: *Tornar-se Pessoa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. *O Imaginário*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

SHEPARD, Sam. *Crônicas de Motel (Motel Chronicles, 1982)*. Trad Bettina Becker. L&PM Editores Ltda. Porto Alegre, 1984.

SILVEIRA, Nise da. *Jung, Vida e Obra*. Rio de Janeiro: José Álvaro/ Paz e Terra, 1976

SOARES, Bernando. *Páginas do livro do desassossego*. Lisboa: Livraria Civilização, 1995

TARKOVSKI, Andrei. *Esculpir o Tempo*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Quadrinhos

AMANO, Yoshitaka & GAIMAN, Neil. *Os Caçadores de Sonhos*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2000.

GAIMAN, Neil. *Sandman* (do Número 1 ao 72). São

Paulo: Editora Globo, 1990.

KOIKE, Kazuo & KOJIMA, Goseki. *O Lobo Solitário*.

(Número 1 ao número 28) São Paulo: Panini Brasil, 2005.

MUTARELLI, Lourenço. *Transubstanciação*. 1ª edição. São Paulo: Dealer, 1991.

_____. *Desgraçados*. São Paulo: Vidente, 1993.

_____. *Eu te amo Lucimar*. São Paulo: Vortex, 1994.

_____. *A Confluência da Forquilha*. São Paulo: Lilás, 1997.

_____. *Seqüelas*. São Paulo: Devir, 1998.

_____. *O Dobro de Cinco*. São Paulo: Devir, 1999.

_____. *O rei do Ponto*. São Paulo: Devir, 2000.

_____. *A Soma de tudo*. Parte I e II. São Paulo: Devir, 2001 e 2002.

----- . *Mundo Pet.* São Paulo: Devir, 2004

NAKAZAWA, K. *Gen, Pés Descalços.* São Paulo: Conrad Editora, 2002, 3 volumes.

